

EMOJIS E ACESSIBILIDADE
PARA AUTISTAS

BILINGUISMO EM
CRIANÇAS COM AUTISMO

SOBRE TER IRMÃOS
COM DEFICIÊNCIA

REVISTA AUTISMO

ANO VII - Nº 14 - SET/OUT/NOV 2021

Ilustração: Lucas Ksenhuk - @lucasksenhuk.art

MESSI

NÃO
É AUTISTA

ISSN 2596-0539



00014

9 772596 053005

DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

A primeira rede social do mundo dedicada ao autismo

Nós acreditamos que tecnologia de última geração é unir as pessoas gerando um efeito transformador

O QUE É A TISMOO.ME?

Tismoo.me é a primeira rede social do mundo totalmente dedicada ao autismo e às síndromes relacionadas.

Uma nova forma de reunir todo o ecossistema do autismo, deixando você a apenas um toque da informação que procura. Conteúdos específicos, que se adaptam perfeitamente ao seu perfil. E com curadoria, para que seja uma informação confiável e transformadora.

Um novo modelo de rede social, pensado para que as pessoas fiquem cada dia mais próximas da medicina personalizada. Tudo isso utilizando o que há de mais moderno no mundo tecnológico: "High Touch Technology" ou alta tecnologia do toque. Uma nova abordagem tecnológica totalmente centrada no indivíduo. Ou seja, a tecnologia a serviço do afeto, do cuidado, do compartilhamento e da humanidade. Afinal, desde sua fundação, a Tismoo tem um único objetivo: aproximar você daquilo que você mesmo considera mais importante!



tismoome the autism network



CIÊNCIA

“A Tismoo.me não só vai aproximar as pessoas da ciência, mas também acelerar as pesquisas sobre autismo e, de um jeito fácil e prático, estruturar os dados com muita segurança e privacidade.”

Alysson Muotri, neurocientista e pai de autista



SAÚDE

“Não estamos falando de uma rede social comum, somente para fazer amigos. A Tismoo.me surge para conectar as pessoas em prol da saúde, conectar médicos a terapeutas, a familiares, a autistas.”

Carlos Gadia, médico neuropediatra



JORNALISMO

“Queremos não apenas entregar um conteúdo útil e personalizado a cada um, mas sinalizar o quão confiável é cada informação. É muito mais que uma rede social, é uma plataforma que irá transformar este ecossistema, em benefício da pessoa com autismo.”

Francisco Paiva Jr., jornalista e pai de autista



TECNOLOGIA

Veja como conseguir gratuitamente seu convite exclusivo acessando **www.tismoo.me**



Já são milhares de famílias cadastradas.
Cadastre-se e garanta seu convite.

EDITORIAL

Há oito anos eu aguardo para publicar esta reportagem sobre a *fake news* de que o mundialmente famoso jogador de futebol Lionel Messi seria autista. Conforme o tempo passava, apareciam mais e mais evidências de a notícia ser fraudulenta. Eu, sempre tentando um contato com o jogador para ouvir diretamente dele tal informação, ou da família, porém celebridades quase sempre são inacessíveis. Recorri a amigos na Argentina, Portugal e Espanha... nada. Desisti. Resolvi publicar sem ouvir o craque.

O Messi até poderia ser autista. Mas, quem teria o direito de revelar isso seria o próprio jogador, assim como fez recentemente o bilionário sul-africano Elon Musk, ao vivo, num programa de TV nos EUA. Dizer isso contra a vontade dele já é um tremendo desrespeito. Agora, inventar essa história é ainda pior. Um motivo a mais para lamentar foi isso ter tido origem no Brasil.

Numa era em que o acesso à informação nunca foi tão facilmente obtido, ironicamente, é quando mais estamos suscetíveis a *fake news*, a notícias intencionalmente criadas para enganar. Quase toda informação hoje pode ser verificada em poucos minutos. Porém, a ânsia por compartilhar nos meios

digitais, por demonstrar saber mais ou saber primeiro que o outro, nos faz cada vez menos leitores, cada vez mais disseminadores de informação — falsa ou não — sem curadoria, sem cuidado, sem o mínimo de atenção. Mal se lê o título! Aposto que muita gente verá a capa desta edição e nem ao menos perceberá aquele “não” na manchete. Pelo contrário, irá dizer algo como “Viu que o Messi é autista? Está na capa da Revista Autismo. Eu já sabia!”, como se fosse uma confirmação. Recorro a James Hetfield numa das melhores músicas do Metallica: “triste mas verdadeiro”.

Já que mencionei a capa, tenho de destacar que foi totalmente criada e desenhada por um autista, o talentosíssimo Lucas Ksenhuk, artista que já faz ilustrações para toda edição da Revista Autismo há muito tempo. Desta vez nos brindou com uma capa digna de ser emoldurada. Um craque!

FRANCISCO PAIVA JR.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro “Autismo — Não espere, aja logo!” (editora M.Books) e pai do Giovanni, de 14 anos, que tem autismo e é muito rápido para fazer contas de cabeça, e da Samanta, de 12 anos, que tem chulê e é extímia desenhista.



NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para redacao@RevistaAutismo.com.br

Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

EXPEDIENTE - Revista Autismo

Ano VII — número 14

Setembro de 2021

ISSN: 2596-0539

Distribuição gratuita

Periodicidade trimestral

Tiragem deste número: 6.000 exemplares

Revista Autismo é uma publicação de circulação nacional fundada em 2010 com o objetivo de levar informação de qualidade, isenta e imparcial. A respeito de autismo, é a primeira revista periódica da América Latina, além de ser a primeira do mundo em língua portuguesa.

Editor-chefe e jornalista responsável:

Francisco Paiva Junior - MTb: 33.245
editor@RevistaAutismo.com.br

Direção de arte e design:

Alexandre Beraldo
xberaldo@gmail.com

Revisão e Traduções:

Márcia F. Lombo Machado
marciaflm@gmail.com

Consultores científicos:

Alysson R. Muotri e Diogo V. Lovato

Arte da Capa:

Lucas Ksenhuk

Colaboradores deste número:

Beatriz Raposo, Camila Alli Chair, Carol Cardoso, Débora Goldzweig, Diego Lomac, Edison D'andréa Cinelli, Fábio Sousa, Fátima de Kwant, Fernanda Barbi Brok, Haydée Freire Jacques, Lucas Ksenhuk, Luciana Viegas, Marcelo Vitoriano, Mauricio de Sousa, Natália Moraes, Nicolás Brito Sales, Pedro Henrique Quiste, Rosana Ponomavenco, Samanta Paiva, Selma Sueli Silva, Sophia Mendonça, Thaissa Alvarenga, Tiago Abreu, Wagner Yamuto.

Impressão:

LaborPrint

Patrocinadores:

Grupo Método, Academia do Autismo, Clínica Somar, Instituto UniTEA e Pyramid Brazil.

Fundadores (2010):

Martim Fanucchi
 Francisco Paiva Junior

Para nos patrocinar:

comercial@RevistaAutismo.com.br

Redação: redacao@RevistaAutismo.com.br

Assinaturas: assine.RevistaAutismo.com.br

Site: RevistaAutismo.com.br

Hospedagem do site patrocinada:

Hostnet — hostnet.com.br

Redes sociais:

Facebook: fb.com/RevistaAutismo
 Instagram: @RevistaAutismo
 Twitter: @RevistaAutismo
 YouTube: youtube.com/user/RevistaAutismo
 LinkedIn: linkedin.com/company/RevistaAutismo

Versão em PDF: issuu.com/RevistaAutismo

Editado por: PAIVA JUNIOR

R. Bela Cintra, 336 - s.74-A, Consolação
 São Paulo (SP), CEP 01415-000
 CNPJ: 30.894.955/0001-09

Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião da Revista Autismo e seus editores.

ÍNDICE

EMOJIS E ACESSIBILIDADE PARA AUTISTAS

pág.12

BILINGUISMO EM CRIANÇAS COM AUTISMO

pág.28

SOBRE TER IRMÃOS COM DEFICIÊNCIA

pág.40

O AMOR E O AFETO QUE DEIXAMOS DE DAR

pág.16

UM TIME DE 30 AUTISTAS

pág.30

A CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE INCLUSÃO PODE COMEÇAR COM A LEITURA

pág.36

AUTISMO NO FEMININO

pág.44

SESSÕES

o que é autismo?	pág.08
hq - andré e a turma da mônica	pág.09
fakenews	pág.20
canal autismo	pág.32
dica cultural	pág.34
espectro artista	pág.46

COLUNAS

matraquinha	pág.10
uma mãe preta escrevendo	pág.15
tudo o que podemos ser	pág.19
trabalho no espectro	pág.30
introvertendo	pág.38
liga dos autistas	pág.48
autismo severo	pág.50

MESSI NÃO É AUTISTA

reportagem de capa

pág.20



REVISTA
AUTISMO

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão online
desta edição com
conteúdo extra.



Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie-nos para este email ao lado.

www.RevistaAutismo.com.br

Assinaturas:
assine.RevistaAutismo.com.br

redacao@RevistaAutismo.com.br



fb.com/RevistaAutismo



twitter.com/RevistaAutismo



youtube.com/user/RevistaAutismo



linkedin.com/company/RevistaAutismo



instagram.com/RevistaAutismo



Há seis anos, produzindo mudanças positivas, significativas e duradouras na vida da pessoa com autismo e outros transtornos comportamentais.



Referência em tratamento ✓
Atendimento de excelência ✓
Profissionais capacitados ✓
Intervenção em ABA ✓
Avaliação e Supervisão à distância ✓
Expansão do nosso atendimento ✓

Unidade I

Av. Padre Pereira de Andrade, 491
Boaçava – São Paulo/SP

Unidade II

Av. Padre Pereira de Andrade, 717
Boaçava – São Paulo/SP

Unidade III

Av. Padre Pereira de Andrade, 669
Boaçava – São Paulo/SP

Unidade IV

Av. Padre Pereira de Andrade, 405
Boaçava – São Paulo/SP

NOVA UNIDADE!

Unidade V – POA
Rua Jari, 551
Passo d'Areia – Porto Alegre/RS

Contato:

+55 (11) 5083-6413 • 3022-5944

gmetodo.com.br

atendimento@gmetodo.com.br

Siga-nos nas redes sociais.



CONTEÚDO EXTRA ONLINE

Use o QR-code ao lado para ir ao site.

O QUE É AUTISMO?

Saiba a definição do Transtorno do Espectro do Autismo

O autismo — nome técnico oficial: Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que necessitam — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.023 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 102 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja

apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Alguns sintomas como irritabilidade, agitação, autoagressividade, hiperatividade, impulsividade, desatenção, insônia e outros podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico. Dentre os medicamentos indicados, a risperidona, que é da classe dos antipsicóticos atípicos, é o mais comum.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Consolidação do Autismo, quando cartões-postais do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher com TEA).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista (representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito com o espectro de cores do arco-íris), considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa

— data celebrada originalmente em 2005, pela organização britânica *Aspies for Freedom* (AFF).

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da juventude. Testes como o M-CHAT (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online.

Sinais de autismo:

- Não manter contato visual por mais de 2 segundos;
- Não atender quando chamado pelo nome;
- Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;
- Alinhar objetos;
- Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;
- Não usar brinquedos de forma convencional;
- Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;
- Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;
- Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);
- Não compartilhar interesse.
- Girar objetos sem uma função aparente;
- Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);
- Não imitar;
- Não brincar de faz-de-conta.
- Hipersensibilidade ou hiper-reatividade sensorial;





ANDRÉ em MÍMICA BARULHENTA

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2021





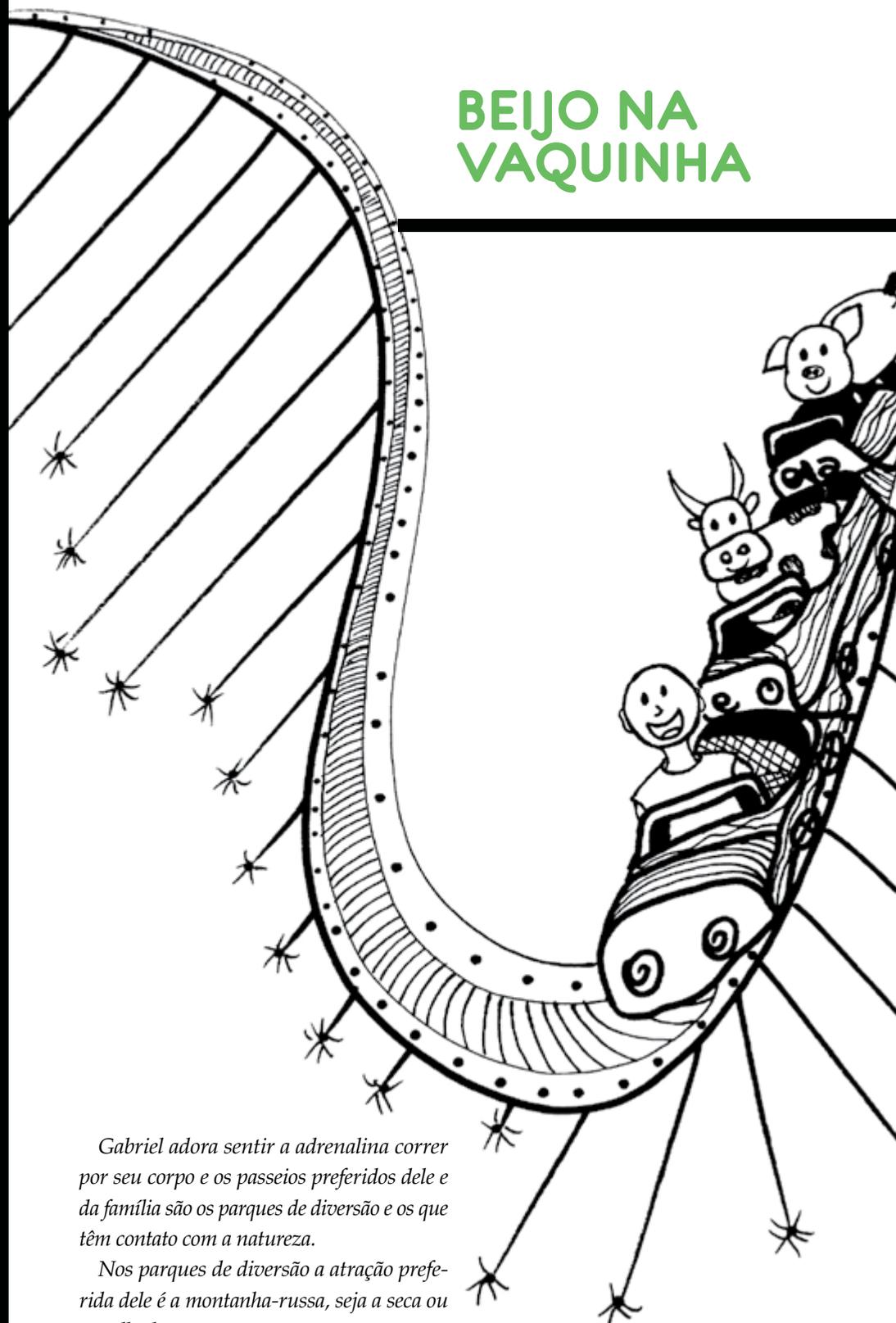
Wagner Yamuto

é pai do Gabriel (que tem autismo) e da Thata, casado com a Crazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

f matraquinhaoficial
 @matraquinhaoficial
 v matraquinha
 matraquinha.com.br

Ilustração: Bia Raposo - @biabiaraposo

BEIJO NA VAQUINHA



Gabriel adora sentir a adrenalina correr por seu corpo e os passeios preferidos dele e da família são os parques de diversão e os que têm contato com a natureza.

Nos parques de diversão a atração preferida dele é a montanha-russa, seja a seca ou a molhada.

Geralmente nós vamos no vagão da frente, onde a emoção parece ser maior, e confesso que em algumas montanhas dá um medinho.

Quando os vagões começam a se mover, Gabriel abre um sorriso que só ele tem e começa a olhar para trás, só pra conferir se os outros

tripulantes da missão estão preparados (e onde somente os fortes sobreviverão).

A primeira etapa é a subida, e algumas são bem altas, em seguida vem uma curva que é feita lentamente para a direita e no final da curva tem a descida bem acentuada,





daquelas que por milésimos de segundos fazem você se arrepender de estar ali no primeiro acento.

Nesse momento, toda a tripulação já perdeu o fôlego por alguns instantes, e quando menos se espera, escutamos os gritos de emoção dos demais vagões. É é nessa hora que o Gabriel olha pra mim e solta a maior e mais alta gargalhada que ele consegue dar. Ele também mordisca os dedinhos das mãos de tanta emoção.

Naquelas montanhas que em vez de trilhos há um canal com água é a mesma coisa, e o adicional da água torna tudo muito mais divertido e emocionante.

Mas, nem só de adrenalina se vive e o contato com a natureza também é fundamental.

Na praia por exemplo, o Gabriel passa minutos e mais

minutos apertando a areia e muitas horas dentro do mar.

Já tentamos ir ao zoológico, mas o distanciamento em que os animais devem ficar dos visitantes não o apetece, portanto aprendemos que temos de ir aonde o contato possa ser mais próximo.

Vivemos na cidade de São Paulo e em uma cidade bem próxima há uma fazendinha, daquelas onde é possível que as crianças

alimentem os coelhos, cabras, galinhas, patos, porquinhos, ovelhas. O lugar tem até búfalos e emas.

Gabriel sempre está acompanhado do tablet, pois toda a sua comunicação depende desse dispositivo, mas por alguns minutos ele larga tudo e parece entrar em sinergia com os animais.

Andar a cavalo é uma das atrações que ele mais ama.

Alimentar os patos é sempre um risco, pois eles ficam no lago e a água é um ponto fraco do meu filho. Ele sempre tenta entrar para um mergulho com os patinhos...

Os coelhinhos são fofos e ele adora passar a mão. Numa das visitas, a responsável pelo cercadinho entregou cenouras nas mãos das crianças para que elas pudessem alimentar os coelhos, e, quando percebi, o coelhinho sob nossa responsabilidade não estava comendo nada, quem estava comendo a cenoura era o Gabriel.

Já os animais que comem capim e feno, esses podem estar mais tranquilos e não perderão a refeição.

Na última vez em que estivemos nessa fazendinha, resolvemos levá-lo para ordenhar a vaca, e essa atividade tinha horário marcado.

Quando chegamos, a fila estava enorme. Mesmo assim ficamos ali (e sempre tentamos ficar). De repente, o Gabriel saiu correndo em direção à vaquinha que já estava preparada para a ordenha. Ele parou em frente à cabeça dela, fez carinhos nas orelhas por alguns minutos, suas mãos foram descendo pela testa em direção ao focinho e deu-lhe um beijinho. Também deu mais uns três pulinhos mordiscando os próprios dedinhos e foi embora.

Tentei entender o que tinha acontecido, mas resolvi deixar pra lá. Afinal de contas, a conversa era entre eles. E merece privacidade ;).



é editor-chefe da Revista Autismo, além de cofundador e CEO da Tismoo.me, a primeira rede social do mundo dedicada ao autismo.

 www.tismoo.me
 [Tismoo.me](https://www.facebook.com/Tismoo.me)
 [@tismoo.me/](https://www.instagram.com/tismoo.me/)
 [@tismoo.me](https://twitter.com/tismoo.me)
 App: Tismoo.me

#RESPECTRO



EMOJIS E ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM AUTISMO

Um pouco de empatia e tecnologia

Os emojis vieram para ficar mesmo. Como esses símbolos e desenhos facilitam a comunicação e economizam digitação no dia a dia de todo mundo, não é mesmo? Talvez não. Não para todo mundo!

Os emojis foram uma criação japonesa, do final da década de 1990. O objetivo do primeiro conjunto, com 172 emojis, foi facilitar a comunicação por meios eletrônicos. Dali em diante, virou uma febre no Japão e em poucos anos alastrou-se para o mundo todo, como vemos hoje em todos os celulares,

aplicativos de mensagens e redes sociais.

Há quem já esteja reclamando do uso excessivo e de quase uma “desalfabetização” das pessoas no ambiente online por conta de usar mais símbolos que palavras atualmente — quase voltamos à era dos hieróglifos egípcios. Mas não é bem esse o problema a que me refiro aqui.

Interpretação

Algumas pessoas autistas podem se incomodar ou ter dificuldades

ao interpretar os emojis. São dois grupos distintos dentro do espectro, mas deve também haver uma intersecção entre eles. O primeiro abrange as pessoas que têm uma leitura muito literal e muito concreta (com dificuldade para entender figuras de linguagem, como ironia, duplo sentido, sarcasmo e alguns trocadilhos) e também quem não tem facilidade para “ler” as emoções faciais. Se é difícil compreender a emoção expressada por uma face humana, imagine num “rosto” formado por uma bolinha amarela minúscula com uma ou duas “dicas visuais”, como um olho fechado ou uma boca aberta.

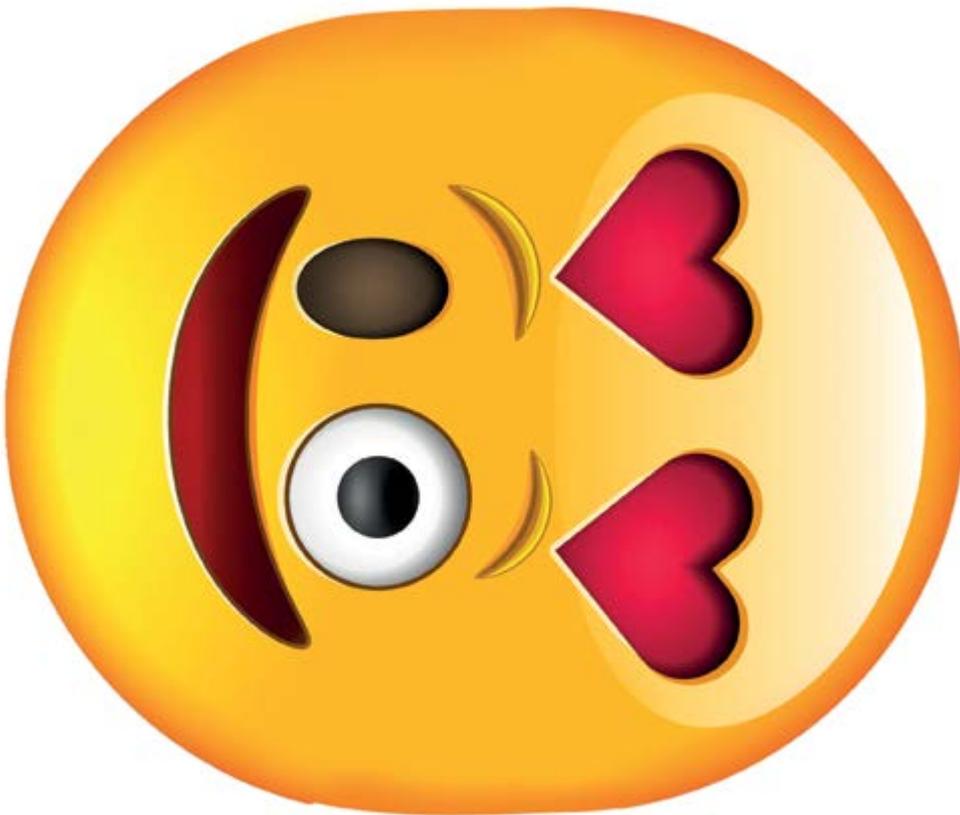
Esse assunto foi destaque no episódio “O problema dos

emojis” (de setembro de 2020), do podcast Introvertendo — feito somente por autistas — número 135, em que participaram: Paulo Alarcón, Thaís Mösken, Tiago Abreu e Wilian Chimura. “Uma conversa pela internet já se tornou confusa demais pra você por causa de emojis?” Nossos podcasters relacionam esse fenômeno da interação online com a dificuldade de autistas em reconhecerem o significado de expressões faciais e os contextos adequados para uso dessas “carinhas”, diz a descrição desse episódio. Paulo Alarcón ainda conta o que originou essa pauta: “A ideia para esse episódio surgiu quando eu estava na integração da empresa onde eu trabalho,

questionaram sobre a questão de emojis e eu citei minha dificuldade. Em seguida, no mesmo dia, minha noiva fez um teste comigo, me passando vários emojis aleatoriamente e pedindo pra eu dizer o que eles significavam. E aí eu percebi que eu não conseguia entender esses emojis. Eu só entendo a cara sorrindo e a cara chorando, basicamente”.

Hipersensibilidade

O segundo grupo é de autistas com hipersensibilidade visual ao ponto de os emojis atrapalharem a leitura. Não só os emojis, aliás. Há quem cubra com a mão parte da tela do celular, ou do computador, ao tentar ler um texto permeado por anúncios animados ou



“No fim do dia, este recurso de acessibilidade acaba ajudando muita gente, não só autistas”



muitos emojis. Alguns desses relatos podem ser ouvidos no episódio 116 do Introvertendo — “Acessibilidade na internet” (de julho de 2020). “Como, por exemplo, ter um GIF (arquivo de imagem com uma animação curta) no meio de um texto prejudica e às vezes impossibilita pra mim a leitura do texto. É muito comum, se tem uma alguma coisa piscando ou se mexendo, eu ter que colocar uma tela na frente daquilo ou colocar minha mão na frente da tela pra conseguir ler o conteúdo inteiro”, explicou Thaís Mösken, no podcast.

Fica claro, portanto, uma necessidade de adequação em algumas situações para pessoas dentro do espectro do autismo, principalmente no ambiente digital. Necessidades estas não só ignoradas pela sociedade até então, como quase impossíveis de ganharem repercussão suficiente para serem notadas antes do aumento de casos de diagnósticos de adultos autistas. Esquecida também tem ficado a conscientização da sociedade para a urgente necessidade de dar voz aos autistas que têm condição de se expressar em qualquer nível.

Acessibilidade

Pensando nessa adequação, vi o local ideal para desenvolver um recurso de acessibilidade pensando para os autistas: a Tismoo.me, a primeira rede social do mundo dedicada ao autismo. À frente deste projeto, esta foi uma das primeiras coisas que expliquei ao time de programadores: faríamos um recurso que ninguém tinha, nem as grandes redes sociais e aplicativos!



Desde a última versão, o aplicativo Tismoo.me possui o primeiro recurso de acessibilidade para autistas. Com ele, é possível simplesmente desligar a exibição de emojis e todas as pessoas que se sentem desconfortáveis com essas “carinhas” se livram delas imediatamente. Também é possível ligar a descrição de emojis, assim, mesmo com eles desligados, é possível saber o que as pessoas postaram, através de um texto descritivo. Por exemplo: um texto com “Oi! 😊”, passa a ser mostrado como “Oi! {emoji: rosto sorrindo}”.

Outra possibilidade deste recurso é manter ligada a exibição dos emojis e também a descrição, o que auxilia quem tem dúvida ao interpretar um emoji, pois poderá não só saber o significado de cada símbolo, como aprender

“Há uma necessidade de adequação para autistas em algumas situações, principalmente no ambiente digital”

o que cada um deles significa. Dessa forma, os emojis passam a serem mostrados ao lado de sua descrição. Vamos a um exemplo. Um texto que originalmente seria assim: “Parabéns! 🎂❤️”, passa a ser exibido assim: “Parabéns! 🎂 {emoji: bolo de aniversário} ❤️ {emoji: coração vermelho}”.

Prático, empático e simples de resolver, não acham?

Uma mãe preta escrevendo

Ilustração: tio .faso - @seufalarnaosaidireito



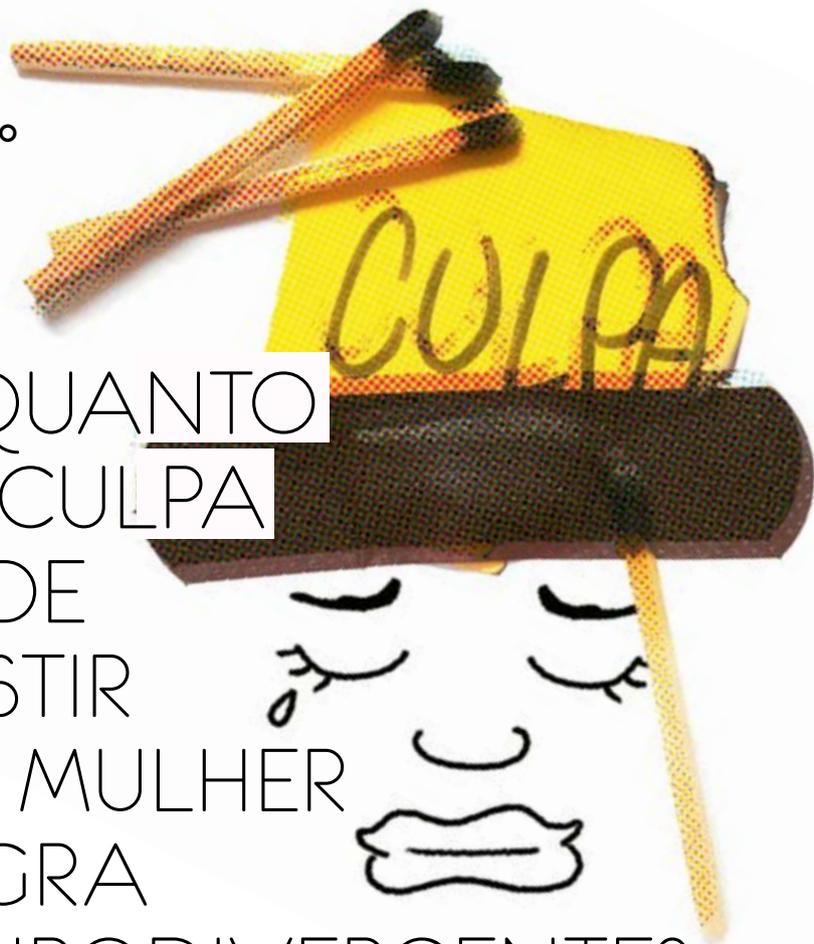
Luciana
Viegas

É autista, mãe do Luiz (autista) e da Elisa, professora da Rede Estadual de São Paulo. Ativista pela neurodiversidade e membro da ABRAÇA. Atua nas redes falando sobre a relação entre a luta antirracista e anticapacitista.

 @umamaepretaautistafalando

#RESPECTRO

O QUANTO DE CULPA PODE EXISTIR NA MULHER NEGRA NEURODIVERGENTE?



Preciso iniciar esse texto confessando que esse ele não é sobre o passado, é sobre o presente, o passado e talvez seja sobre o futuro.

Eu sempre relato como o processo de reconhecimento do meu autismo foi libertador. Acho que deixei de mencionar que me reconhecer como uma mulher autista preta mudou minha forma de me olhar e de me relacionar.

Há tanto tempo eu venho lendo e estudando biografias de mulheres negras ativistas e uma das coisas que mais me chama a atenção é como a dor nos une (“dororidade”, segundo Vilma Piedade) e como estamos sozinhas. E como temos culpa! Há culpa de muitas coisas. Culpa de não nos submetermos à posição de submissão, culpa de nos rendermos ao estereótipo de “dar conta de tudo”.

Mas, em mulheres negras neurodivergentes há culpa na forma singular em que nos relacionamos, não correspondemos à validação da mulher negra que o outro sempre impõe sobre nós. Somos fortes, porém sensíveis, somos silenciadas, confundidas e em muitos momentos violadas. Onde cabe tanta culpa? Não nos dão o

direito a autistar, rotulam-nos, e como não seguimos os rótulos sobra-nos a solidão, sobram-nos as dores que precisamos carregar sozinhas, porque deixam tudo em nosso colo e sempre vão embora.

Vivemos uma vida de negações, desvalidações, violências e silenciamento. O racismo é tão presente nos olhares sobre nós, que o naturalizamos como sendo algo nosso.

É um processo que todas nós passamos e seguiremos passando.

É hora de começar a se enxergar como alguém que, mesmo em suas contradições, tem o direito de existir na sua diversidade. Deixar de lado a culpa por ser diversa e se sentir acolhida nesse processo é urgente! Trata-se de uma operação de dentro pra fora, um processo interior de proteção, para não ser engolida por essa estrutura neuronormativa, capacitista e racista que nos envolve.

O processo é individual, mas não precisa ser solitário. Convido você, mulher negra neurodivergente, a dividir a sua dor e a se curar entre as nossas. “Paciência com o seu processo”.



ROSANA PONOMAVENCO

é tradutora, publicitária, mestre em distúrbios do desenvolvimento, pós-graduada em análise do comportamento aplicada ao TEA e desenvolvimento atípico, instrutora do IN Movimento INclusivo e mãe de um moço com autismo, de 25 anos.

 autonomianoautismo.com.br

 @rosanaponomavenco

#RESPECTRO



○ AMOR e ○ AFETO que deixamos de dar!

Eu daria tudo para voltar àquele momento



Á dois anos fui convidada para um encontro com 25 adolescentes do ensino médio de uma escola particular aqui em Cotia (na grande SP). O tema era inclusão e eu, como mãe de um ex-aluno com TEA, fui compartilhar um pouco da minha vivência e tentar deixar esses jovens, ainda em formação, mais sensíveis ao tema.

Nosso acordo, logo de cara, foi que eles poderiam me perguntar qualquer coisa, e mesmo que fosse uma coisa dolorosa ou desconfortável eu diria a eles a verdade dentro do meu coração. Sentamos juntos no tablado de uma das salas de aula e começamos a

conversar. Falamos sobre os desafios da maternidade atípica, das expectativas, do preconceito e dos desafios enfrentados pelos pais para vencer o medo de soltar seus filhos (típicos ou atípicos) e deixá-los experimentar o mundo.

Então, no final eles resolveram fazer um bate e volta de perguntas rápidas e uma delas foi: “Existe alguma coisa da qual você se arrependa?” Nesse momento parei e minha cabeça começou a trabalhar rapidamente porque eu tinha sim uma história muito valiosa para compartilhar com eles. Uma história que eu não havia verbalizado



nem para mim mesma, pois me trazia vergonha, medo e arrependimento. Respirei fundo e comecei a falar.

“Quando eu tinha 15 anos, a idade de vocês (década de 1980) eu estava sentada numa praia em São Sebastião, cidade do litoral paulista, tomando sol na areia e esperando meu grupo de amigos que deveria chegar a qualquer momento. A uns cinco metros de distância estava uma família com um filho adolescente, e percebi que ele estava ficando muito agitado. Eu não olhava diretamente para eles porque estava constrangida, percebi que o menino tinha alguma deficiência, falava estranho, gritava, a cabeça estava um pouco caída para o lado e os braços curvados para dentro. Ele estava bastante excitado, ficava olhando para mim fixamente e aquilo estava me incomodando muito. Eu não sabia direito o que fazer, nem para onde olhar, achei melhor ignorar e



Sim, eu daria tudo para voltar àquele momento, naquela praia e falar com aquele menino!

olhar para o lado oposto. Então o pai e a babá o levaram até o mar, e a mãe veio na minha direção. Ela disse ‘Oi’, bem timidamente, e perguntou se poderia falar comigo. Começou a me contar que alguns anos antes seu filho tinha sofrido um acidente e ficado com aquelas sequelas, mas que a mente dele era como a de qualquer outro garoto de 16 anos, que ele tinha me achado muito bonita e ela gostaria de saber se eu poderia conversar um pouco com ele.

Eu, do alto do meu corpo esguio, num biquíni amarelo cavado da década de 80, fiquei desconcertada, me senti extremamente desconfortável. E fui levantando, pegando minha canga na areia e dizendo que estava esperando meus amigos, que eles já deveriam estar chegando, que eu estava atrasada e precisava ir embora.

Saí andando e larguei a mãe parada

na areia olhando para mim.

Andei uns 300 metros pensando sobre aquilo e de repente me perguntei: por quê? Por que eu saí correndo? Por que eu não fiquei ali apenas para trocar uma ideia com aquele menino e dar umas risadas? Imediatamente dei meia volta e voltei a passos largos com meu melhor sorriso, resolvida a perguntar se ele gostaria de falar comigo, afinal eu havia me comportado tão mal!

Quando cheguei naquele ponto da praia a família já tinha ido embora.

Fiquei ali, parada por alguns minutos, olhando para os lados sem saber muito bem o que fazer, com um sentimento ruim dentro de mim. Um sentimento do qual eu não tinha mais como me livrar. Não havia nada que eu pudesse fazer, a oportunidade tinha passado e sentir-me envergonhada de mim mesma.

Essa história ficou esquecida na minha memória por quase 20 anos, até me bater como um soco na boca do estômago alguns anos atrás, quando meu filho estava na escola, sabe aquele soco que deixa a gente sem respirar?

Hoje eu sei que eu sou aquela mãe, eu sou aquela mulher. Cada vez que pedi para algum adolescente ajudar meu filho em alguma coisa da escola, cada vez que eu pedi a outra mãe para, por favor, levar o filho dela à festa de aniversário do meu filho, cada vez que eu fiquei triste e inconsolada quando alguém deixou meu filho num canto, esquecido, ignorado, fingindo que ele não estava ali.

Recordar essa história foi um dos aprendizados mais doloridos que eu já tive na vida, porque literalmente eu descobri o que era estar no lugar daquela mulher. Eu e ela éramos iguais, parte de uma mesma história com uma roupagem diferente, separadas 20 anos uma da outra e, mesmo assim, mais unidas do que já estive a qualquer outra mulher neste mundo! Eu e ela somos uma.

Sim, eu daria tudo para voltar àquele momento, naquela praia e falar com aquele menino! Porque um dos arrependimentos que levo até hoje é o amor e o afeto que eu não fui capaz de dar naquele dia.”

Ficamos em silêncio. Depois de eu enxugar as minhas lágrimas, finalmente um dos adolescentes me perguntou: “E qual é a música mais significativa para você?”

Eu sorri e respondi: Paciência, do Lenine. 🇧🇷



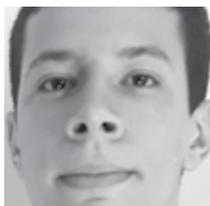
#RESPECTRO

Tudo o que
podemos ser

Ilustração: Lucas Ksenhuk @lucasksenhuk.art



MEU SEGUNDO LIVRO INFANTIL



Nicolas
Brito Sales

tem 22 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo, profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro "TEA e inclusão escolar - um sonho mais que possível". Em 2017, Nicolas lançou seu próprio livro, "Tudo o que eu posso ser", no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

Recentemente eu escrevi e lancei o meu mais novo livro infantil "Patovão: Uma Amizade Inesperada"! E devo dizer que essa foi uma experiência excelente, pois eu já havia escrito esse livro na minha cabeça e aproveitei a oportunidade para escrever "no papel", e assim poder compartilhar essa minha mais nova obra.

Bem, o que eu tenho a dizer sobre isso? Eu fiquei muito feliz em terminar de escrever a minha nova história (depois do sucesso da "Ivana e a Cura Para o Preconceito"), mas eu confesso que não fiquei muito satisfeito com o resultado... E por que eu digo isso? Porque eu pretendia lançar esse livro impresso, mas por conta da pandemia e da falta de dinheiro, ele acabou tendo que ser lançado digitalmente pelo site da "Amazon". Infelizmente, esse site não faz livros impressos para o Brasil, somente para os EUA e para os países da Europa. Eu, honestamente, acho isso totalmente injusto!

Resultado: o livro, infelizmente, não teve boas vendas e acabou não alcançando um resultado satisfatório (pelo

menos por enquanto). Mas isso ainda não é o fim, pois eu estou pretendendo lançar esse livro impresso o quanto antes para poder compartilhar essa história com muitas famílias. Eu tenho fé que conseguirei fazer com que o meu mais novo livro veja a luz do dia, como o da "Ivana", para que os dois livros "irmãos" sejam bem vendidos para muitas famílias.

E mais, eu pretendo escrever mais histórias infantis e tentar seguir o mais longe possível com a minha carreira de escritor.

Esse novo livro fala de pessoas terem de aprender com as diferenças. É um universo formado somente por pássaros e os personagens principais são um pato e um pavão, que ficam grudados devido a um acidente envolvendo uma experiência científica e precisam aprender a se dar bem.

Enquanto estão grudados, eles brigam, enfrentam bullying e sofrem muito, até aparecer uma solução.

É um livro necessário para as pessoas ensinarem a respeitar os outros e a entender que todos somos diferentes.



MESSI NÃO É AUTISTA

Fake news foi criada no Brasil em 2013 e circula até hoje na internet

Ilustrações: Lucas Ksenhuk

Fotomontagem: Revista Autismo



essi jamais se declarou autista. Também nunca houve um familiar ou uma fonte minimamente próxima a ele que confirmasse esse diagnóstico. Mas, de onde saiu essa "informação", que pode ser encontrada em milhares de sites, e como ganhou repercussão mundo afora?



Acredite! Foi uma *fake news* originada no Brasil. Mais que uma notícia falsa ou imprecisa, uma *fake news* (termo tão citado nos últimos anos e que foi considerada palavra do ano pelo dicionário inglês Collins em 2017) é uma notícia fraudulenta, criada propositalmente para enganar as pessoas e disseminar algo que interessa a seu criador, nem que seja apenas para obter mais atenção ou audiência. E, muitas vezes, o criador dissemina a *fake news* sem se importar se isso prejudicará a imagem de outra pessoa ou instituição.

Essa lenda urbana nasceu em 27 de agosto de 2013, quando o escritor e jornalista Roberto Amado (sobrinho de Jorge Amado) publicou em seu site, à época, o “Poucas Palavras”, um longo texto dizendo que o craque Lionel Messi “foi diagnosticado aos 8 anos de idade, ainda na Argentina, com a síndrome de Asperger”.

Amado enumerou diversas características que “provariam” que Messi é autista, como a timidez com a imprensa e a peculiaridade de sempre dar dribles e chutar a gol da mesma maneira, o que seriam indícios de padrões repetidos, típicos de um “portador da síndrome” (sim, ele ainda usou o termo “portador”!).

No mesmo texto — intitulado “Como o autismo de Messi ajudou-o a ser gênio” —, Roberto Amado destaca o famoso filme “Rain Man”, de 1988, com Tom Cruise e Dustin Hoffman, o que deixa o artigo mais atraente, e acaba por misturar pontos totalmente diferentes do espectro do autismo, comparando síndrome de savant com asperger. Uma confusão só!

Após esse diagnóstico à distância do brasileiro, a história (como toda

boa *fake news*), depois de publicada na internet, se alastrou e ganhou o planeta.

Romário no Twitter

Poucos dias depois, em 8 de setembro de 2013, o ex-jogador Romário entrou na polêmica. Ele publicou na rede social Twitter: “Vocês sabiam que o Messi tem Síndrome de Asperger? É uma forma leve de autismo, que deu a ele o dom do foco e concentração acima de tudo e de todos. Newton e Einstein também tinham níveis de autismo. Espero que, como eles, Messi se supere a cada dia e continue nos apresentando esse belo futebol”. Em seguida, postou o link do artigo de Roberto Amado. Isso foi parar na mídia internacional e chegou a Jorge Messi, pai do craque, que disse que processaria o brasileiro. Romário, novamente via Twitter, respondeu: “Sites da Espanha divulgaram que eu havia dito que Messi tem um transtorno mental e estão fazendo sensacionalismo em cima do assunto. Divulguei uma informação que veículos no Brasil têm abordado. Até uma TV abordou o assunto. Então fica aqui a informação: de acordo com o pai do Messi, ele não tem autismo. Não sou médico para confrontar a informação. Ah, ele disse que vai me processar por isso. Pode processar à vontade”, escreveu Romário.

No dia 26 de setembro de 2013, a reportagem do UOL Esporte falou com Diego Schwarzstein, médico que tratou o principal e conhecido problema de saúde de Messi: uma deficiência hormonal que comprometeu seu crescimento. O médico, que ainda mora em Rosário (Argentina), cidade natal de Messi, não deu margem a dúvidas:



“Leo nunca foi diagnosticado como Asperger ou qualquer outra forma de autismo. Isso é realmente uma bobagem”, afirmou categoricamente.

Outro aspecto muito importante que corrobora a falsidade da afirmação é o “autismo” de Messi ter sido ignorado pelas principais e mais respeitadas biografias (em texto e em vídeo) já lançadas sobre sua vida e carreira em 2009, 2010, 2011, 2012 e 2015. Um exemplo vem do jornalista e escritor espanhol Guillem Balague, especialista em futebol e em biografias de craques, que naquele mesmo ano de 2013 publicou o livro “Messi”, uma biografia autorizada do argentino. “Essa história é um lixo!”, exclamou ele ao ser perguntado sobre o assunto.

Dois anos depois, em 2015, no jornal Extra, o sobrinho de Jorge Amado reafirmou a história e ainda desafiou: “Conversei com pessoas envolvidas com o assunto e ninguém sequer contestou o contrário. Se eu cometi uma imprudência é problema meu. Não preciso provar nada para ninguém. Se ele quiser me processar, que vá provar na Justiça. Há dois anos que falo isso porque eu conheço o olhar e pessoas envolvidas nessa questão. Não é demérito nenhum ter autismo. É só uma curiosidade mesmo (sic)”, argumentou.

Uma mentira contada mil vezes...

Em 2017, no programa de TV “Encontro” (Rede Globo), Fátima Bernardes teve que corrigir um convidado que fez novamente tal afirmação sobre o autismo de Messi. O convidado Gustavo Cerbasi disse: “Um bom exemplo, Messi, astro do futebol, tem no autismo uma explicação para as qualidades

que ele tem. Maior precisão, maior foco”. Mas, a apresentadora corrigiu-o de imediato, dizendo que isso é uma lenda urbana que não tem confirmação. E, minutos depois, ainda reforçou: “Olha, a gente tá aqui recebendo [a informação de] que o médico do Messi, por conta disso [a suspeita de que o atleta tem autismo] deu uma declaração dizendo que ele não tem autismo”.

Recentemente, a história voltou à tona, em julho de 2020, quando o ex-jogador francês Christophe Dugarry, ao comentar sobre a polêmica envolvendo o compatriota Griezmann, acabou atingindo também o craque argentino. “De que ele [Griezmann] tem medo? De um garoto de um metro e meio de altura que é meio autista? O que precisa fazer é se impor de vez em quando. Faz um ano que se diz que ele tem problemas com Messi. O que tem que fazer é dar um soco na cara”, disse Dugarry, de maneira rude, em entrevista à RMC Sport. Três dias depois ele se desculpou.

A construção de uma fake news

O jornalista Tiago Abreu destacou, no episódio “Messi não é autista” do podcast Introvertendo, de junho de 2020, sete pontos que mostram a fragilidade dessa *fake news*:

“1º ponto — Roberto Amado se baseia numa informação difícil de se verificar. Ele fala que Messi foi diagnosticado com Síndrome de Asperger aos oito anos de idade, e que o diagnóstico foi pouco divulgado como uma maneira de protegê-lo. E aí ele já levanta aquela suspeita de que o Messi esconde algo e, como ele esconde, seria difícil o jogador assumir que é autista. Aliás, se



Messi tivesse sido diagnosticado com Asperger como Amado afirmou, seria em meados de 1995, período em que o diagnóstico era extremamente recente (e raro) nos manuais médicos.

2º ponto — Ele tenta produzir uma evidência anedótica. Você já deve ter ouvido falar naquelas histórias de: ‘eu ouvi dizer que a pessoa tal é isso ou aquilo’, você tenta passar isso de boca em boca e aí, à medida que as pessoas vão repetindo, isso se transforma numa verdade. Esse texto é todo construído dessa forma. Ele procura relatos de pais e mães, se justifica dizendo que é filho de profissionais médicos, tenta juntar vários elementos que são frágeis por si só para poder construir essa opinião de que o Messi é autista. Pra dizer: ‘não só eu penso que o Messi é autista, outras pessoas pensam da mesma forma’.

3º ponto — ele usa verdades para sustentar um ponto de vista geral questionável. Então, por exemplo, Amado cita o surfista Clay Marzo, que é realmente diagnosticado com autismo, como exemplo de autistas nos esportes.

4º ponto — o autor coloca outras *fake news* dentro dessa pra endossar a visão. Então, ele fala que Einstein e Bill Gates são autistas e gênios. O texto gira em torno da ideia de que o autista é um gênio.

5º ponto — o mais óbvio é que ele inverte o ônus da prova. Ele publicou o texto, foi contestado, e teve uma reação do tipo: ‘são eles que têm que se virar e provar que o Messi não é autista. Eu estou afirmando, e vocês tem que provar o contrário’. É uma linha de raciocínio completamente bizarra.

6º ponto — o médico

pessoal do Messi afirmou que o que foi dito pelo Roberto



Amado é uma completa ‘bobagem’.

7º ponto — nenhuma biografia séria e bem construída sobre o Messi tem qualquer menção ao autismo.”

Aliás, vale ouvir (ou ler) aquele episódio todo do *Introvertendo*, pois há muitos comentários e informações interessantes vindas de quem realmente pode falar de um diagnóstico de autismo: os próprios autistas.

Muitas vezes, porém, uma mentira “floreada” pode ser muito mais agradável e desejável que a verdade nua e crua. Tiago conta que muitos pais repudiaram um texto seu, publicado um ano antes, com argumentações de que Messi não é autista e contestaram essa oposição ao que muitos chamaram de “uma história tão inspiradora” — de que o Messi seria autista. “Pais e mães que tiveram contato com aquele meu texto vieram xingar a gente!” conta o jornalista, abismado.

Famosos autistas, autistas famosos

Quer citar pessoas famosas que estão no espectro do autismo? Cite quem declara isso abertamente, como a escritora e especialista em ciência animal Temple Grandin, o ator Anthony Hopkins, a ecoativista Greta Thunberg, ou o mais recente famoso a mencionar publicamente seu diagnóstico de autismo, o bilionário Elon Musk, e tantos outros. 🍷

Com colaboração do jornalista Tiago Abreu
Ilustrações e capa: Lucas Ksenhuk
(@lucasksenhuk.art)



A história de Messi

Pedro Henrique Quiste

Nasceu na Argentina no final da década de oitenta e começou a jogar no Newell's Old Boys, que era o time da sua cidade natal, Rosário, aos seis anos. Quando criança, mostrava muita habilidade com a bola, mas tinha um problema hormonal que dificultava o seu crescimento.

Entre nove e dez anos, ele foi diagnosticado com esse problema hormonal e teve de começar um tratamento complicado, que custava mil pesos argentinos por mês, em que ele precisava aplicar, uma vez por noite, uma injeção em sua perna. Ele mesmo a aplicava e ficava tudo tranquilo. O Newell's Old Boys se recusou a pagar o tratamento e a família decidiu levar o garoto para fazer um teste no time do Barcelona, na Catalunha (Espanha) — um dos maiores times da história do futebol.

No ano 2000, Messi foi levado para lá, fez um teste e, poucos meses depois, foi aprovado. Chegaram a um acordo e o Barcelona passou a ajudar naquele tratamento. Messi finalmente cresceu 30 centímetros em estatura após o começo do tratamento — quando ele começou ali, aos 10 anos, tinha um metro e quarenta e hoje tem um metro e setenta. Uma história de superação.

Estreou em 2005 como profissional e em 2008 chegou ao seu auge. Há quem diga que, depois do Pelé e do Maradona, ele é o maior, o mais conhecido. Com uma lista imensa de premiações pessoais, as principais foram: Bola de Ouro da FIFA (2010, 2011, 2012 e 2015) e Melhor jogador do mundo pela FIFA (2009 e 2019).

Pedro Henrique Quiste é estudante de jornalismo, apaixonado por esportes e pela criação de conteúdo nessa área. Twitter: @ph_quiste.



A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO.

- 1 A Comunicação Alternativa vem para auxiliar àqueles que sofrem com algum tipo de deficiência que afeta a fala, garantindo assim a interação efetiva nos ambientes. Ela permite que a criança exponha suas ideias, dúvidas, dificuldades e, assim, se comunique de forma eficaz com os colegas de classe e professores, por meio de recursos especialmente desenvolvidos.
- 2 Nas imagens abaixo, temos como exemplo, a recepção na escola após retorno às aulas, assim como a rotina de domingo, do Guilherme Coelho, filho mais velho de Fábio Coelho e Mayara Coelho, sócios-diretores da Academia do Autismo, que incluem a Comunicação Alternativa em seu cotidiano. Em casa e na escola, com o apoio de uma mediadora. Nas adaptações, os pais procuram adicionar interesses do Guilherme no uso de imagens, como a Turma da Mônica, criada por Maurício de Sousa, (vale lembrar, que a Revista Autismo é parceira do Instituto Maurício de Sousa). Gui, desde pequeno, demonstra apreço pelos personagens da Turma.



Guilherme Coelho sendo recepcionado na Escola.



Rotina de Domingo, de Guilherme Coelho.

- 3 Com o filho mais novo do casal, Fernando Coelho, a inclusão da Comunicação Alternativa não é diferente, respeitando as individualidades do caçula, Fábio e Mayara montaram um chaveiro, com as figuras ilustradas, como na imagem a seguir. Na segunda imagem, Fernando está com uma camisa que possui figuras de Comunicação Alternativa.

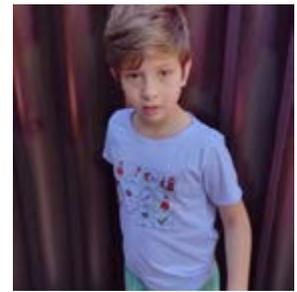


Imagem 1: Chaveiro de Comunicação Alternativa do Fernando Coelho; Imagem 2: Fernando Coelho utilizando camisa de Comunicação Alternativa.

INDICAÇÕES DE APLICATIVOS DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA:

Matraquinha, LetMeTalk, Falaê, Spe@k, Livox, Bela Tagarela CAA e PictoTEA. Todos eles disponíveis para Android. Os dois primeiros, também estão disponíveis para iOS.

ONDE VOCÊ PODE ENCONTRAR SÍMBOLOS PARA COMUNICAÇÃO?

ARASAAC: O Portal é uma referência internacional na área de CSA, os símbolos estão traduzidos em 15 idiomas, possui mais de 12.000 pictogramas coloridos, 9.500 pictogramas em preto e branco, e 1.400 fotografias. As ferramentas disponíveis online no Portal ARASAAC permitem a construção de pranchas de comunicação, modificação de símbolos e construção de materiais pedagógicos. PICTO4ME: É um aplicativo da web, gratuito, para o navegador Google. O aplicativo permite criar, editar, reproduzir e compartilhar pranchas de comunicação e os arquivos do projeto são armazenados diretamente na conta do Google Drive. SCALA: O projeto Scala é um sistema de comunicação alternativa para letramento de pessoas com autismo. O projeto foi desenvolvido da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem como objetivo principal propiciar ferramentas, sistemas e estratégias para mediar e promover não apenas a linguagem expressiva, mas também a alfabetização.



Fábio Coelho, Diretor da Academia do Autismo com seu filho mais velho, Guilherme Coelho, usando um aplicativo de Comunicação

ATENÇÃO, É INDISPENSÁVEL O ACOMPANHAMENTO DE UM PROFISSIONAL DA FONOAUDIOLOGIA.

CONTRIBUIÇÃO: Fga Valéria Santos. - Profª do Curso Avançado de Comunicação Alternativa, da Academia do Autismo

SÉRIES, CURSOS, MATERIAIS, EVENTOS EXCLUSIVOS E MUITO MAIS.

Recursos e capacitação para aprender sobre autismo

Experimente pagando **R\$1** nos primeiros **30 dias**

NOSSOS CURSOS

Cursos de aperfeiçoamento e capacitação liberados todo mês.



ARTIGOS NOVOS TODA SEMANA

Os assuntos mais relevantes e discutidos da comunidade do autismo ao seu alcance, com atualizações semanais



SÉRIES, REALITY SHOWS E DOCUMENTÁRIOS

Conheça mais o universo do autismo por meio de conteúdos exclusivos e licenciados escolhidos especialmente para você



MATERIAIS PARA DOWNLOAD QUE AJUDAM NO DIA A DIA

Para estimular a criança com autismo, ajudar a entender o autismo no adolescente/adulto, fazer uso profissional e compartilhar artigos científicos.



PARA PAIS E PROFISSIONAIS: ACESSO AO SOCIAUTISM

Software que facilita a vida de quem atua com Análise do Comportamento Aplicada (ABA), tanto para treino de habilidades, quanto na elaboração e acompanhamento de treino comportamental.



+ Encontro com **FÁBIO COELHO** todo mês.



+ Notícias atuais sobre **TEA**



+ Tópicos de comunidade para dar sua opinião

Quero fazer parte desta comunidade!

Entre agora no CIA Autismo e tenha acesso aos conteúdos já selecionados para promover um aprendizado mais efetivo para você!

ASSINAR AGORA!

R\$ 39,90 /mês

QUERO EXPERIMENTAR POR 30 DIAS

Pague apenas R\$ 1 no momento da assinatura. Após esse período, será cobrado o valor da mensalidade.



www.ciaautismo.com.br



FÁTIMA DE KWANT

é especialista em Autismo & Desenvolvimento e Autismo & Comunicação, radicada na Holanda desde 1985. É mãe de um autista adulto, escritora de textos sobre o TEA e ativista internacional pela causa do autismo

✉ autimates@gmail.com
🌐 www.autimates.com
📘 [Autimates](#)
📷 [@fatimadekwant](#)

#RESPECTRO

BILINGUISMO EM CRIANÇAS AUTISTAS

Novas descobertas da ciência

U

Um estudo recente, publicado no jornal Autism Research no dia 19 de maio deste ano, revela que o bilinguismo de crianças autistas compensa, parcialmente, os déficits na Teoria da Mente e nas Funções Executivas.

Famílias bilíngues sabem o quanto é difícil usar um ou outro idioma quando uma criança tem atraso de linguagem ou autismo. Meu próprio filho (autista) cresceu numa família bilíngue. Não sendo verbal até seus 7 anos de idade, sempre

Hallo!

Salut!

Ciao



fomos aconselhados por especialistas a usarmos uma só língua, no caso, o holandês. A sugestão faz sentido, a priori, seguindo a dedução de não complicar (ainda mais) o desenvolvimento das habilidades comunicativas da criança autista. Por isso mesmo, o resultado da pesquisa desenvolvida pela Universidade de Genebra (UNIGE, na Suíça) surpreende os terapeutas acostumados a lidar com crianças autistas de famílias bilíngues.

Com apoio da Universidade Thessaly (Grécia) e da Universidade de Cambridge (Grã Bretanha), os pesquisadores concluíram que falar/ouvir mais de um idioma pode beneficiar crianças com déficit na teoria da mente (habilidade de compreender as intenções, crenças, perspectivas, e emoções de outras pessoas), assim como nas funções executivas, responsáveis pelo planejamento, organização, e controle de pensamentos, emoções e ações.

Uma das co-autoras do estudo é Stéphanie Durrleman, pesquisadora no Departamento de Linguística da UNIGE. Ela explica que uma das dificuldades do TEA é colocar-se no lugar do interlocutor, focando o próprio ponto de vista e se distanciando da perspectiva do outro.

E onde entra o benefício do bilinguismo no autismo?

“Já havia estudos sobre o bilinguismo apontando que crianças bilíngues aperfeiçoavam a teoria da mente e as funções executivas. O bilinguismo traz benefícios precisamente onde os autistas demonstram dificuldades, por isso, nós nos perguntamos se crianças bilíngues autistas conseguiriam suavizar os desafios do seu transtorno do neurodesenvolvimento usando dois idiomas todos os dias”, diz Stéphanie Durrleman.

Desse modo, os pesquisadores das três universidades acompanharam 103 autistas com idade

de 6 a 15 anos, dos quais 43 eram bilíngues. Todos foram agrupados de acordo com idade, gênero, e intensidade (grau) de autismo. Os participantes executaram diversas tarefas com a intenção de acessar suas teorias da mente e funções executivas. Os bilíngues, rapidamente, se sobressaíram em relação aos não bilíngues.

Eleni Peristeri, outra co-autora do estudo, da Universidade de Thessaly, diz: “Bilinguismo exige que a criança primeiro trabalhe as habilidades que envolvem conhecimento de outras pessoas: A pessoa com a qual eu falo, fala grego ou albanês? Em que língua eu devo falar com ele? Numa segunda fase, a criança usa suas funções executivas para focar sua atenção em uma só língua, enquanto inibe a segunda”, explica Eleni.

Ginástica para o cérebro, uma terapia natural

Segundo os estudiosos, a prática de lidar com dois ou mais idiomas seria como uma ginástica para o

cérebro, já que atua exatamente nos déficits relacionados ao TEA.

Outros resultados da pesquisa apontaram que o nível socioeconômico não influenciou o resultado, já que a maioria das crianças autistas participantes vinha de famílias com baixa renda/status socioeconômico.

Apesar de relativamente pequeno, o estudo é um breakthrough para especialistas de autismo de todo o mundo, que costumavam indicar o uso de uma só língua em casa para a comunicação com o autista. A partir dessa pesquisa, fica comprovado o benefício do bilinguismo para o neurodesenvolvimento de crianças autistas.

A sugestão, portanto, é para que famílias bilíngues sigam usando ambos idiomas, ainda que, aparentemente, isso possa comprometer o aprendizado do autista. Não somente não prejudica, como auxilia as crianças a superarem vários aspectos do TEA. Ou, como a linguista Stéphanie Durrleman diz: “Bilinguismo é como uma terapia natural.”



Você fala
outra
língua?



FRANCISCO PAIVA JUNIOR

MARCELO VITORIANO



é psicólogo, especialista em terapia comportamental cognitiva em saúde mental, mestre em psicologia da saúde. Há 4 anos faz parte do grupo de trabalho sobre Direitos Humanos nas Empresas da rede brasileira do Pacto Global da ONU e é diretor geral da Specialisterne no Brasil, organização social de origem dinamarquesa presente em 20 países, que atua na formação e inclusão de pessoas com autismo no mercado de trabalho.

UM TIME DE 30 AUTISTAS

Museu na Espanha contrata autistas para atender mais de 3 mil visitantes por dia

Imagine uma empresa em que todos os seus funcionários fossem neurodivergentes, a maioria autistas. Treinados para acolher e dar informações a quem chegasse à empresa e com total empatia para com os visitantes neurodivergentes, afinal, os autistas saberiam melhor que ninguém o que é ter hipersensibilidade auditiva, por exemplo, ou outras questões que tornam o dia a dia dessas pessoas um desafio.

Agora, pare de imaginar e saiba que essa iniciativa já existe! Sim, um museu na Espanha fez isso: a Casa Batlló, em Barcelona.

Casa Batlló é um museu, projeto de Antoni Gaudí (1852-1926), famoso arquiteto espanhol e figura que marcou o Modernismo catalão, mas nunca se encaixou no perfil de nenhum movimento artístico. Sua genialidade é o selo de seus

edifícios e seu estilo é ímpar na história da arquitetura, com a maioria de suas obras na cidade de Barcelona — como sua obra-prima, o inacabado templo da Sagrada Família. O edifício do museu projetado por Gaudi figura na lista do patrimônio mundial da Unesco, e fica na Ilha da Discórdia (um bairro modernista da cidade), aberto para visitação e já muito envolvido com projetos sociais.

Conversamos com o espanhol Francesc Sistach, CEO da Specialisterne Espanha, que foi a empresa responsável pelo programa de recrutamento e treinamento do time de autistas do museu. A missão da Specialisterne, que é uma empresa dinamarquesa de impacto social fundada por

Casa Batlló, em Barcelona





Parte do time de autistas

de trabalho (150 no Brasil). A meta da Specialisterne é chegar a 1 milhão!

Sistach, muito entusiasmado com a iniciativa, contou que após meses fechados por conta da pandemia de Covid-19, havia planos de o museu reabrir para visitação. “Eles já tinham

uma pessoa com autismo na área administrativa, portanto já estavam muito contentes

em ter um autista na equipe. Então, falamos: ‘Agora é a oportunidade de ampliar o escopo do projeto e fazer

um grande trabalho de neurodiversidade!’ No princípio pairou uma dúvida se autistas seriam as melhores pessoas para interagir com visitantes do museu. Mas, para essas funções, encontramos pessoas dentro do espectro que tinham mais habilidades sociais, pois, num museu, não se exige tanta interação social, é algo mais limitado,

um pai de autista, é preparar e incluir pessoas com autismo no mercado de trabalho. A filial brasileira da empresa abriu as portas no final de 2015. Hoje a empresa já tem presença em 23 países — o último deles foi a França —, tendo, no mundo todo, incluído mais de 10 mil pessoas autistas no mercado

controlado, esporádico”, explicou ele.

Com uma metodologia específica para este projeto, hoje há mais de 30 pessoas com autismo trabalhando lá e mais outras pessoas, com outras características, como TDAH e dislexia. Um dos pontos turísticos mais buscados da Espanha, recebendo em média (antes da pandemia) mais de um milhão de visitantes por ano, teve uma abertura parcial em abril, após o início do controle da pandemia e vacinação naquele país, e veio aumentando os dias e horários de abertura gradualmente. Atualmente já abre diariamente, com três grupos alternando os turnos de trabalho.

“Está funcionando muito bem, e o discurso de cada funcionário está sempre muito bem preparado e a habilidade de trabalhar muito bem, fazendo a mesma coisa por muitas horas, dando sempre a mesma resposta, sempre muito correta e precisa. E penso que teremos uma baixa rotatividade de funcionários, evitando algo que é muito comum nesta área, pois muitos autistas não se incomodam em fazer a mesma coisa exatamente todos os dias, como é preciso num museu desses”, argumentou Francesc Sistach, que também foi responsável por implantar as filiais da Specialisterne na Itália, Brasil e em outros países da América Latina. “Os autistas têm a capacidade de ficar num trabalho rotineiro por muito mais tempo”, completou ele.

Para o mês de setembro está programada uma campanha de comunicação para mostrar à sociedade a iniciativa da Casa Batlló. “Isso será muito positivo para eliminar alguns obstáculos de preconceito contra autistas. Aqui temos um museu com 30 autistas coordenando a visitação de mais de 3 mil pessoas por dia. Creio que isso vai ajudar a romper diversas barreiras mentais em todo o planeta, a respeito do amplo espectro do autismo, que é muito diverso, e que podemos pensar em muitas outras oportunidades para autistas”, contou Sistach com um sorriso de orelha a orelha. 🍀

C • A • N • A • L

AUTISMO

#RESPECTRO

VEJA ALGUNS DESTAQUES RESUMIDOS DO CANAL AUTISMO, QUE PUBLICA CONTEÚDO DIÁRIO SOBRE AUTISMO. PARA LER OS TEXTOS COMPLETOS DE CADA NOTÍCIA, ACESSE O SITE CANALAUTISMO.COM.BR

Coletivos de autistas expandem entre universidades públicas

Autistas universitários têm criado, em todo o país, os chamados “coletivos autistas”, articulações coletivas de autistas universitários com foco em inclusão e permanência de estudantes dentro do espectro. O primeiro, o Coletivo Autista da USP, foi criado em maio de 2021, e várias outras universidades pelo Brasil têm adotado o mesmo estilo. 🗝



Saiba mais no canalautismo.com.br

Ônibus do Rio estampam campanha pela conscientização da síndrome de Rett



Reprodução da internet

A Associação Brasileira de Síndrome de Rett (Abre-te) lançou uma campanha pela conscientização e diagnóstico da síndrome em ônibus da cidade do Rio de Janeiro. Com duração de 30 dias, a campanha foi estampada em 20 veículos de diferentes bairros da metrópole. 🗝

Startup fundada por autista entrega acessibilidade a PcD no Pão de Açúcar



Reprodução da internet

Duas unidades do hipermercado Pão de Açúcar estão oferecendo serviços especializados de atendimento para pessoas com deficiência (PcD). O objetivo é que clientes com diferentes tipos de deficiência, como pessoas cegas, consigam fazer suas próprias compras com autonomia,

recebendo assistência personalizada. A iniciativa é feita em parceria com a startup Inclue, criada por Rodrigo Piris, que é autista, e Sonny Pólito, que é cego. 🗝

Saiba mais no canalautismo.com.br

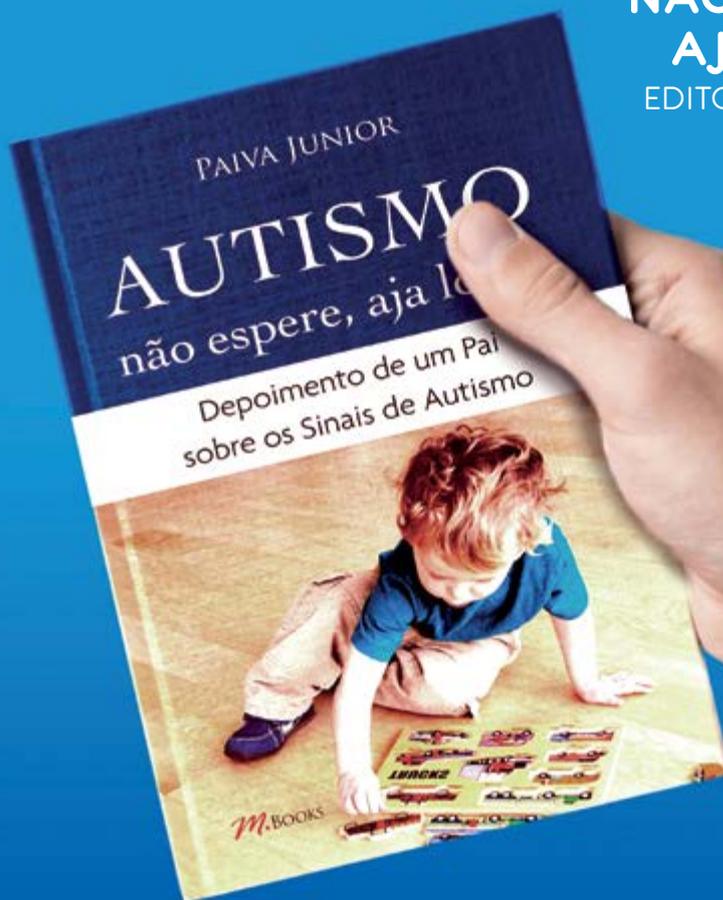


Mais de
5.000
exemplares
vendidos

Um livro ideal
para quem acabou
de receber o
diagnóstico ou
está em dúvida
sobre uma suspeita
de autismo.

NAS
MELHORES
LIVRARIAS

**AUTISMO –
NÃO ESPERE,
AJA LOGO!**
EDITORA M.BOOKS



autismo.paivajunior.com.br

M.BOOKS



**HOJE É O
NOSSO DIA DE
ABRIR A CAIXA
E FICAR FELIZ**



Comemore com a gente mais um ano!

Ficha Técnica

ATYPICAL**Título original:** Atypical**Elenco:** Keir Gilchrist (Sam);
Brigette Lundy-Paine (Casey);
Jennifer Jason Leigh (Elsa); Michael
Rapaport (Doug); Nik Dodani (Zahid)**Criadora:** Robia Rashid**Gênero:** Série teen; drama-
comédia de costumes para TV.**Disponível em:** Netflix

ATYPICAL

Depois de um ano e meio de espera, a tão aguardada quarta temporada de Atypical chegou às telas de streaming no início de julho e não decepcionou os fãs. Desde seu lançamento em 2017, a série teve um processo de amadurecimento paralelo ao de seus personagens, com o mérito de ter lidado com temas relevantes: abandono, separações, relações extra-conjugais, homoafetividade e muito, muito papo sobre o polo sul e, claro, pinguins. Tudo isso sem perder o fio da meada: a trajetória do personagem adolescente autista, Sam (Keir Gilchrist), rumo à sua maturidade e autonomia.

Desde o início, o recado da criadora da série, Robia Rashid, era de ajudar o mundo a entender como é viver para as pessoas no espectro do autismo e entregar essa “lição” num pacote com humor e sensibilidade.

Já no primeiro episódio fica claro que Sam ama pinguins e tem um hiperfoco: a Antártida. Nesta quarta temporada, ele faz do seu hiperfoco um objetivo de vida – ao menos de sua vida no momento – e busca todos os meios de viabilizar o sonho de viajar e estudar a vida dos pinguins.

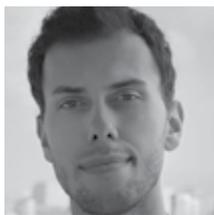
Mas, uma qualidade de Atypical é ser sobre mais que os desafios de Sam. Casey (Brigette Lundy-Paine), a irmã mais nova, de pavio curto e ao mesmo tempo protetora, continua competindo com o próprio irmão. A personagem, que vai crescendo em complexidade durante a série e causa tanto interesse no público quanto Sam, tem seu próprio fã-clubes querendo

saber o desfecho para os dilemas mais marcantes de sua vida: carreira e relação amorosa. A série, mais uma vez, traz o inesperado, e debate os desafios “sobre-humanos” que a jovem tem de enfrentar como aspirante a uma vaga na UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) – top 10 entre as universidades – ingressando como atleta. A trama questiona se a espiral em que os dias de Casey se transformam é a realização que ela busca de fato, e se valerá a pena no fim.

Já que as relações complexas entre autistas e seus irmãos têm sido pouco exploradas nas telas, outro mérito da série é manter a atenção e se aprofundar em Casey, que com boa atuação de Brigette Paine, não apenas convence, como chega a roubar o foco de episódios para si, sem abandonar Sam.

Outro ponto a favor nesta temporada é aumentar a participação dos colegas de faculdade de Sam – que são majoritariamente interpretados por atores que têm algum tipo de deficiência ou necessidade especial. Melhor ainda é constatar que essa estratégia resulta em mais sinceridade na atmosfera e no humor proposto, e que ao dar mais espaço a esses personagens, os realizadores aumentaram a empatia com o público.

Por outro lado, para quem convive em família com o autismo, ainda fica a desejar no quesito de ir além e reconhecer os “atípicos” não verbais, tipicamente esquecidos no espectro quando se trata de retratá-los em texto ou em telas. Frustra-se, nesse aspecto, o desejo

**Diego Lomac**

é videomaker,
fotógrafo e editor,
graduado em
Cinema, Rádio e TV
e irmão de Rafael,
autista de 24 anos.

✉ diegolombomachado@gmail.com

📷 [@diegolomac](https://www.instagram.com/diegolomac)



de querer aplaudir mais.

Outro ponto fraco a ser apontado, agora que podemos analisar a série como um todo, é a personagem Elsa Gardner (Jennifer Jason Leigh), a mãe de Sam. Depois de um começo interessante na primeira temporada, com o seu caso com um bartender, sua expulsão de casa e posterior arrependimento, a personagem parece ter tido uma completa mudança de personalidade na sequência da história, sendo excessivamente protetora e se sentindo na necessidade de se fazer presente em um nível quase caricato. Parte do problema recai na atuação: Jennifer Leigh, que já não “veste” a personagem, parece

forçar um espírito infantil, tanto como mãe quanto como mulher. Idealmente, ao se escrever uma história, é bom ter a personalidade de seus personagens bem estabelecida. Com isso, a experiência da escrita pode até levar a narrativa a lugares inesperados para o próprio escritor, em vez de seguir um plano restrito. Este não parece ser o caso aqui. Ou houve uma mudança brusca no que pretendiam que a personagem fosse, ou tinham um objetivo final para ela com o qual as mudanças ocorridas ao longo do caminho acabaram não combinando.

Entre prós e contras (como nas listas de Sam para tomar

decisões), a quarta temporada mostra uma boa conclusão para uma boa série. O suporte que ele recebe dos amigos e da família nos faz perceber o progresso de Sam ao longo dos anos. Sua jornada em busca da Antártida é fantástica sem ser piegas, e nos mostra que ele nunca esteve ou estará sozinho nas horas importantes de sua vida.

Pode-se dizer que essa é uma série que muitos fãs, inclusive eu, certamente desejarão, em algum momento, rever.

A quarta e última temporada de *Atypical* está exclusivamente na Netflix.



A gente sempre leva o melhor para você

Nossa parceria continua!

Acreditamos na importância e necessidade da disseminação de informações sobre o tema **autismo** e, principalmente no momento em que estamos vivendo, contribuir para a distribuição gratuita dessa revista, reforça todo o nosso cuidado com os colaboradores, clientes, parceiros e com a **sociedade em geral**.

É uma grande satisfação fazer parte dessa ação!

WWW.JAMEF.COM.BR

 /JAMEFENCOMENDASURGENTES

 JAMEF ENCOMENDAS URGENTES

 /JAMEFTRANSPORTES

 @JAMEF_ENCOMENDAS_URGENTES

A CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE INCLUSÃO PODE COMEÇAR COM A LEITURA

Respeitar o outro, ouvir e lidar com as diferenças.

Ler é uma das ferramentas mais importantes para estimular a criança. O contato com o mundo dos livros permite imaginar, descobrir e encontrar inúmeras possibilidades. É a partir da leitura que os pequenos se tornam mais criativos, adquirem cultura e expandem o vocabulário. Eu, que sou mãe de três, vivo essa experiência. Mas, se o hábito de ler pode trazer tantos benefícios, por que não usá-lo para debater assuntos considerados tão difíceis?

Foi pensando nisso que a ONG Nosso Olhar, fundada por mim, construiu um importante projeto por meio da parceria com a Ziraldo Artes Produções. As histórias escritas por Manuel Filho foram

pensadas para levar o debate sobre as deficiências intelectuais à sala de aula, às bibliotecas e aos demais espaços públicos voltados à educação e cultura. Afinal, é possível desmistificar as deficiências, levar informação e conscientização de uma forma didática e acessível para todos.

A série de cartilhas, que traz o personagem mais famoso do escritor Ziraldo, tem a missão de contar histórias sobre as diferenças, com um olhar diverso e inclusivo. Trata-se de um material bastante rico, feito com excelente curadoria, que carrega a responsabilidade de falar sobre síndrome de Down, autismo e outras deficiências intelectuais para as crianças, famílias e educadores.

As aventuras vividas pelo Menino Maluquinho e sua turma, o Chico, meu primeiro filho, que tem síndrome de Down, e suas irmãs, Maria



A meta é construir uma sociedade mais inclusiva, empática e que esteja aberta às diferenças.

Clara e Maria Antonia, abordam o tema de maneira animada, divertida e simples, possibilitando que pessoas de todas as idades possam compreender o conteúdo tão importante. É um projeto fundamental para “plantar a semente” da diversidade e estimular o debate sobre as diferenças. Afinal, as pessoas com deficiência podem ter dificuldades de acordo com suas especificidades, mas não são incapazes.

De acordo com o Censo 2010, o país tem 45 milhões de brasileiros com deficiência, o que corresponde a 24% da população. As pessoas com deficiência intelectual correspondem a 6,7% da população. Por isso, é fundamental distribuir

informação. As pessoas com deficiência precisam ter seus direitos garantidos, assim como acesso a todos os setores da sociedade: educação, saúde, cultura, transporte e outros.

A série de nove cartilhas é distribuída gratuitamente a fim de levar informação e construir, a partir da formação dos pequenos cidadãos, uma sociedade mais inclusiva, empática e que esteja aberta às diferenças. O conteúdo é tão completo que também aborda temas fundamentais para o desenvolvimento das crianças, como alimentação saudável, atividades físicas, sustentabilidade, amizade e respeito.

O projeto é mais uma contribuição para uma pauta tão importante, que há bastante

tempo vem sendo discutida por quem luta pela inclusão. As cartilhas podem ser usadas nas salas de aula para discutir a própria educação inclusiva: um modelo educacional idealizado através de políticas públicas que garantam o direito de educação a todos, pensando na igualdade de oportunidades e na valorização das diferenças. Pois a sala de aula é o local onde a criança tem o seu primeiro contato com a experiência de vivência social, onde aprende a respeitar o outro, a ouvir e a lidar com as diferenças. 



Introvertendo

ACESSIBILIDADE NA
ARQUITETURA PARA
PESSOAS COMCarol
Cardoso

Carol Cardoso é estudante de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá, diagnosticada com Transtorno do Espectro do Autismo aos 21 anos, em 2018.

-  [introvertendo](#)
-  [@introvertendo](#)
-  [introvertendo](#)
-  www.introvertendo.com.br

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (Lei 12.764/12), passou a considerar, para os efeitos legais, que autistas são como pessoas com deficiência, e estabeleceu como seus direitos básicos: vida digna, integridade física e moral, livre desenvolvimento de sua personalidade, segurança, lazer e o direito a ações e serviços de saúde, educação e mercado de trabalho.

Reconhecida a necessidade de acessibilidade aos ambientes construídos nos espaços urbano e rural, a Associação Brasileira de Normas Técnicas, por meio da NBR 9050 – Acessibilidade

a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos –, regulamenta as condições mínimas para viabilizar a mobilidade e a percepção desses ambientes.

A norma sugere que, para serem considerados acessíveis, todos os espaços devem atender aos requisitos nela descritos, porém o documento não faz menção ao Transtorno do Espectro Autista e suas demandas, ou a suas necessidades de adaptações. Assim, mesmo atendendo a todos os requisitos da NBR 9050, os ambientes permaneceram, em muitos casos, inacessíveis às pessoas com o transtorno.

A escassez de enfoque na acessibilidade arquitetônica para pessoas

com o Transtorno do Espectro Autista não se restringe à realidade brasileira. A arquiteta canadense Magda Mostafa, quando requisitada a projetar o primeiro centro terapêutico para autistas no Egito, surpreendeu-se ao recorrer aos manuais de acessibilidade e não encontrar nada sobre o tema.

Como tópicos de sua pesquisa de doutorado, a arquiteta se propôs a responder à pergunta: “O que é uma arquitetura apropriada para o autismo?”. Realizando experimentos para avaliação dos espaços educativos e terapêuticos, Magda Mostafa estabeleceu como critérios preliminares de uma arquitetura acessível a autistas:

Acústica: Item mais frequente nos relatos de autistas e seus cuidadores primários como um dos fatores determinantes no conforto dos usuários.

Sequenciamento Espacial: Previsibilidade no encadeamento dos espaços conforme as rotinas diárias dos indivíduos.

Escape: Lugares seguros em que o indivíduo possa se recompor após sobrecargas ou momentos de crise.

Compartimentalização: Espaços pequenos de acordo com tarefas específicas a serem desenvolvidas para reduzir a quantidade de informação ambiente (estímulos).

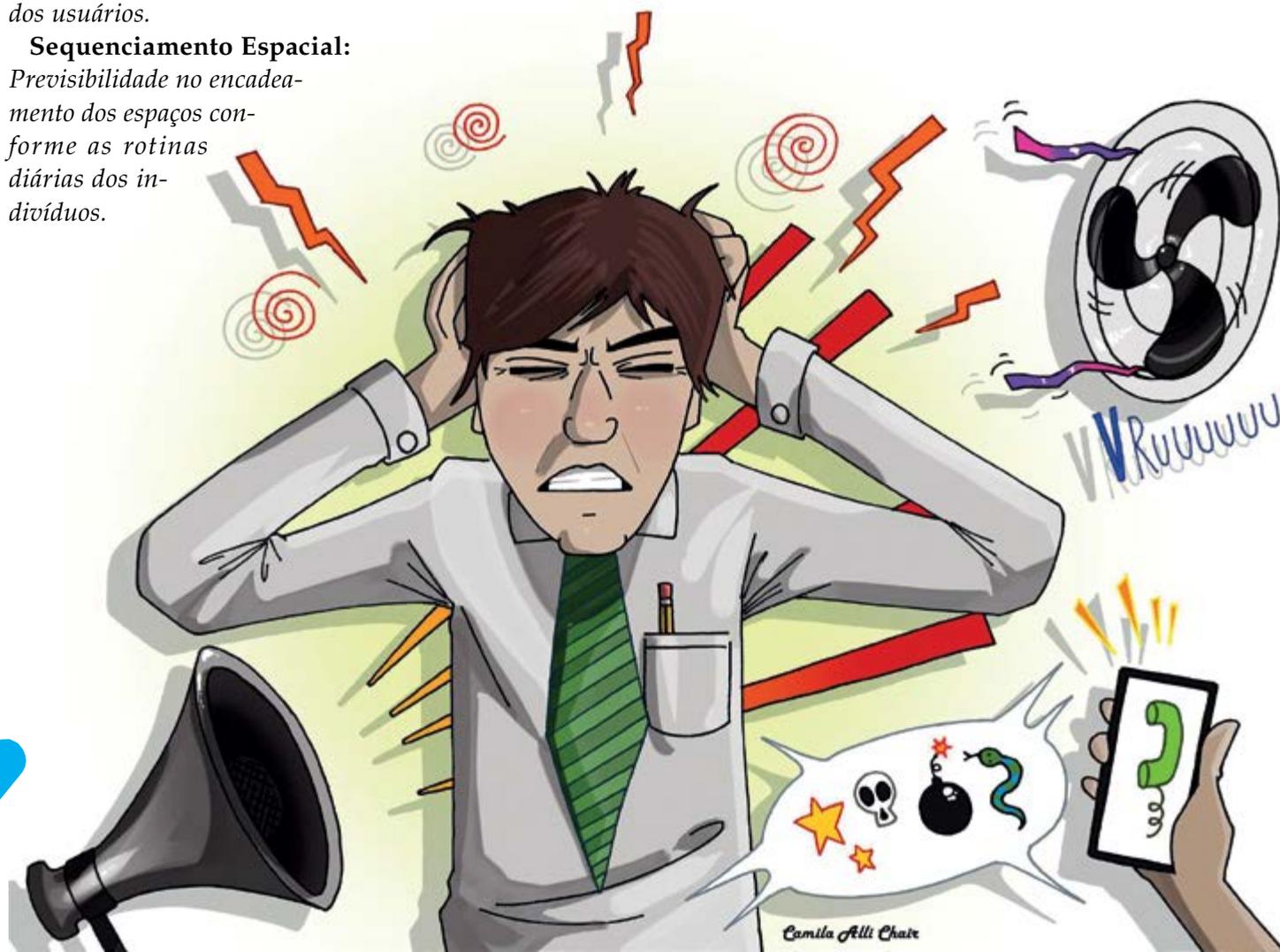
Transição: ambientes neutros entre uma atividade e outra, para evitar excesso de informação sensorial.

Zoneamento Sensorial: Organização dos espaços de acordo com os diferentes estímulos sensoriais.

Segurança: Garantir que os ambientes mantenham a integridade física e psicológica de todos os usuários.

Ainda não há, em língua portuguesa, pesquisas específicas no âmbito da acessibilidade arquitetônica para autistas, o que certamente

contribui para a má adaptabilidade dos espaços públicos e instituições necessárias à inclusão e pleno exercício de sua cidadania. Espera-se que o crescente movimento de autistas pelo Brasil estimule futuramente o interesse pelo tema entre arquitetos e pesquisadores da área de acessibilidade.



SOBRE TER IRMÃOS COM DEFICIÊNCIA

Um olhar responsável refletirá em um futuro saudável, físico e emocional

“A

afetividade se dá numa relação de alteridade, onde eu existo na minha individualidade porque o outro existe, é um espaço relacional que permite que eu reconheça a mim e ao outro.” (Fernandes, 2002)

Ser irmã de uma pessoa com necessidades específicas é como ser irmã de qualquer outra pessoa. Dependendo da perspectiva que escolhemos enxergar, podemos encarar como oportunidade de potencializarmos nossas habilidades socioemocionais, como aprender a sermos mais empáticos, mais resilientes, gratos pelas pequenas conquistas e, principalmente, valorizar o melhor

potencial do outro, independente de qualquer diversidade funcional, respeitando a dinâmica de cada um, inclusive o nosso próprio tempo.

“Quando eu tinha cinco anos de idade, perguntei para minha mãe o que o Matheus tinha de diferente. Ela me explicou que ele tinha autismo e que eu teria duas opções: amá-lo ou rejeitá-lo. Então, respondi: eu quero amar, mamãe!”, escreve Fernanda Ferreira Azevedo, no blog *Eu sou Irmã do Matheus*.

Contar aos irmãos

Outro aspecto muito importante é que o momento da notícia seja pensado na perspectiva dos irmãos. A informação cuidadosa é uma forma de acolhimento num momento em que naturalmente nos sentimos preteridos, simplesmente pela chegada de mais um membro à família.



O olhar holístico da equipe médica para os irmãos de pessoas com deficiência é um grande diferencial na saúde emocional da família e pode ajudar a fortalecer vínculos de apoio nessa etapa. Acredito que não haja um momento certo para contar sobre o autismo, ou a trissomia 21, ou a síndrome de Williams, ou qualquer tipo de deficiência. O importante é que os irmãos sejam sempre tratados com muito carinho e atenção, igualmente. Em algum momento eles poderão questionar sobre diferenças percebidas e, nessa hora, é importante explicar de forma clara e aberta as características da deficiência, sem gerar estigmas ou regras, lembrando que cada ser humano é único em seu potencial e linguagem.

Também é recomendado manter a escuta ativa, praticar a Comunicação Não Violenta (CNV), o não julgamento, evitando que haja assuntos tabus, como relacionar a deficiência à doença, o que pode criar uma relação capacitista até mesmo entre irmãos. Esse tipo de olhar impossibilita o protagonismo dos irmãos (com e sem deficiência) e o impulso à construção de seus próprios projetos de vida.

Incentivar momentos de convivência entre irmãos e convivência inclusiva com outras pessoas com deficiência, desde a infância, fará com que todos se sintam pertencentes ao processo de desenvolvimento, em todas as fases da vida, até o envelhecimento.

Quando esse acolhimento não ocorre é muito comum a sensação de que nós, irmãos, não somos mais importantes, por constatar maior investimento de tempo de nossos pais em cada etapa de desenvolvimento, quando deixamos de ser vistos, ouvidos e até mesmo percebidos dentro do círculo familiar. Isso pode acontecer extrapolando nossa própria casa, estendendo-se a toda família, em encontros com primos, tios, avós, e também na escola.

Pode haver a sensação de que só querem saber sobre nossos queridos irmãos porque eles são, muitas vezes, estereotipados, erroneamente, como carinhosos, fofos, delicados, inteligentes, com altas habilidades, entre outros adjetivos que nem sempre fazem sentido, e poderiam ser atribuídos a nós também, não é mesmo? Viramos “a irmã do fulano”, esquecem-se até do nosso nome próprio! Toda essa situação somatiza, acumula sensações que não sabemos verbalizar, e podemos sentir raiva, angústia, tristeza, ciúmes, medo do futuro e até vontade de ser como eles, por que não? Assim conseguiríamos, ilusoriamente, toda atenção de volta.

Ou, ao contrário, podemos ser apáticos, não sentir nada

‘Ser irmã de uma pessoa com deficiência é como ser irmã de qualquer outra pessoa.’

Ilustração: Samanta Paiva

Ensine seu filho(a) ou aluno(a) as habilidades necessárias para comunicar funcionalmente

PECS

PECS Nível 1, PECS Nível 2 e Habilidades de Comunicação Críticas

Cursos e Produtos:
www.pecs-brazil.com



em relação ao volume de novas informações que recebemos, e quando nos damos conta, estamos descontando esse vazio interno em outras áreas da nossa vida, como na dificuldade de nos posicionarmos profissionalmente, por exemplo. Essas sensações devem ser respeitadas e validadas, pois junto com cada uma delas existe, na maioria das vezes, um amor infinito.

“Ele fez com que eu me interessasse em trabalhar com pessoas na área da saúde”, diz Tatiana Olles, irmã do Luiz

Paulo, de 32 anos, autista, referindo-se ao impacto na construção da sua personalidade e na maneira de se relacionar, além da grande influência do irmão na decisão de sua profissão, em tecnologia oftálmica. Ela assume que já quis ter a deficiência do irmão para conseguir atenção dos pais, e hoje, ante a idade avançada deles, sente **“como se o cajado estivesse sendo passado”** para assumir em breve a tutoria do Luis Paulo.

Inclusão para todos os filhos

É muito importante que a família inclua os irmãos de pessoas com deficiência dedicando um tempo exclusivo apenas a eles, seja para um passeio, almoço ou conversa. Não precisa ser muito tempo, mas que seja um tempo de qualidade para sentirem que continuam sendo importantes. Esses momentos de convivência promovem reconhecimento e prazer de estar junto, mesmo depois de adultos. Falar sobre assuntos diferentes também ajuda a criar uma identidade

 AUTISMOSOMAR

 AUTISMOSOMAR.COM.BR

AMOR QUE SE EXPANDE.

AMAMOS TANTO O QUE FAZEMOS, QUE ESTAMOS EXPANDINDO ESSE AMOR!

A Somar ganhará uma nova unidade em piedade com o intuito de entregar cada vez mais amor. Nosso compromisso é com o desenvolvimento de crianças e jovens com autismo.

UNIDADES (PE)

NOVA
UNIDADE

PIEIDADE

Rua Coronel
Waldemar
Basgal 344

TORRE

Rua Marquês
de Maricá, 48
(81) 3441-5656
(81) 3039-5656

BOA VIAGEM

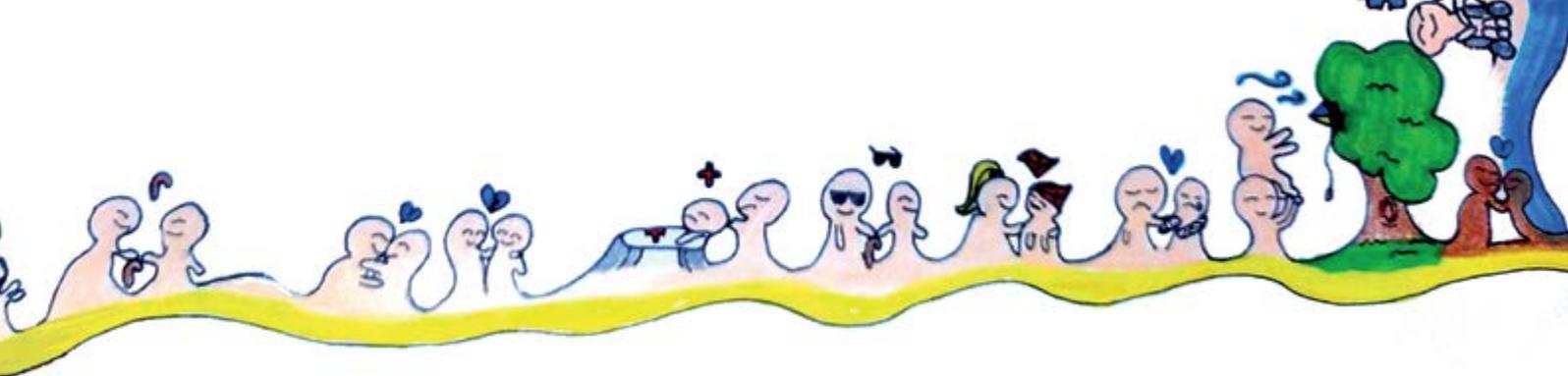
Rua Dona
Benvenida de
Farias, 465
(81) 3465-3913

OLINDA

Rua José
Batista da Costa
Azevedo, 37
(81) 3039-5656




SOMAR
Special Care



afetiva própria, entre pais e filhos, para além da deficiência.

Além disso, os irmãos podem compartilhar responsabilidades durante toda a trajetória de vida, permitindo aos pais que tenham momentos individuais, para que a mãe ou o pai sintam-se menos sobrecarregados. Mas, calma, isso não quer dizer que os irmãos assumiram o papel dos pais. Pelo contrário, o objetivo é estimular que tenham momentos de prazer e aprendizagem juntos, como em dividir tarefas domésticas (sem que outra pessoa faça isso por eles) por exemplo: cuidar para manter suas camas arrumadas, limpar cômodos da casa em dias específicos, lavar a louça, preparar o almoço em conjunto, enquanto os pais saem para um passeio. É possível montar um cronograma, uma agenda doméstica em que cada um seja responsável por sua tarefa.

“Eu me preocupo com o futuro do meu irmão, David, de 29 anos, que entre outras características tem síndrome de Down. Com o advento da pandemia, ele ficou recluso, não quer socializar tanto, e começou a apresentar sinais de agressividade. Desde quando morava com

meus pais pedia que eles não discutissem na frente dele e ajudassem colocando limites e atribuindo responsabilidades que o ajudassem na organização da casa e, conseqüentemente, [na organização] interna dele mesmo. Tudo influencia no equilíbrio e satisfação pessoal. Saber que temos autonomia e somos capazes de cumprir tarefas demandadas é gratificante para todos”, Débora Goldzveig.

Essa pode ser uma forma divertida de um zelar pelo outro estabelecendo confiança. É importante reforçar que não haja a troca de papéis como “irmãs” ou “irpais”, ou seja, cada um deve respeitar o espaço do outro, sendo a relação fraterna saudável e, mesmo com os conflitos naturais, nunca tendendo ao domínio ou controle, nem à sobrecarga por atribuições de cuidado inerentes aos pais ou responsáveis.

É ainda muito importante que o capacitismo, também conhecido como preconceito disfarçado de mérito, não esteja presente.

Trata-se da discriminação velada através da subestimação, inferiorização da capacidade e de aptidões, em virtude das diversidades funcionais. Por exemplo: permitir que o filho/irmão com deficiência faça uma série de coisas que outros irmãos não podem ou das quais discordam. Regras devem valer para todos! Esse tipo de desigualdade, além de gerar sentimentos negativos, faz com que a pessoa com necessidades específicas se acomode e se sinta incapaz. Mesmo que possa não parecer, ela percebe que está sendo superprotegida. Resultado? No futuro, essa pessoa terá mais dificuldade em se relacionar, ter amigos, ou conseguir um emprego, o que será mais penoso tanto para sua própria vida, quanto para os pais ou quem assumir sua tutoria (na grande parte dos casos, os irmãos). Por isso, todo esse processo de convivência e sentimento de pertencimento são essenciais desde a infância. É um olhar responsável, de mediação constante, que refletirá em um futuro saudável, físico e emocional. ♣





SOPHIA MENDONÇA

é jornalista, escritora, apresentadora e mestranda em comunicação social. Foi diagnosticada autista aos 11 anos, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI, é autora de sete livros, incluindo "Outro Olhar" e "Neurodivergentes".

 @autista_mundo
 Mundo Autista
 mundoautista.selmaevictor/
 @mundo.autista
 omundoautista.com.br

NO FEMININO

Livro tem artigos científicos e relatos de experiências todos escritos por mulheres autistas



Autismo no Feminino - A Voz da Mulher Autista" apresenta treze capítulos escritos por mulheres autistas, diversificados e reflexivos, mesclando artigos científicos e relatos de experiências. Todas as autoras tiveram como mote o "grito": "O que você pensa que a sociedade precisa saber sobre o autismo no feminino?".

Por muito tempo, a mulher foi ignorada nos estudos sobre o autismo e, mais recentemente, muitas delas estão saindo da invisibilidade ao procurar profissionais competentes que entendam sobre o amplo espectro do autismo. Mais que isso, levam o assunto às redes sociais, à academia, dão palestras, pesquisam, criam empresas para difundir informações confiáveis.

O ativismo dessas mulheres nasceu da constatação da falta de conhecimento e até da distorção sobre as características do autismo no feminino. Todas passaram por experiências de não validação de suas falas, apontamentos e ponderações pela classe médica.

Entretanto, elas arregaçaram

as mangas e partiram para disseminar informações necessárias à transformação positiva de toda a sociedade. O livro pretende falar a profissionais da saúde, (como médicos e psicólogos), educadores,, além das pessoas envolvidas direta e indiretamente com a neurodiversidade humana.

Quem são essas mulheres e qual é o seu grito?

O livro conta com o prefácio "Diagnóstico é Identidade", da neuropsiquiatra Raquel Del Monde, e com o posfácio "Diagnóstico é Esperança", de Ana Amélia Cardoso, docente e pesquisadora no Departamento de Terapia Ocupacional e do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO - UFMG).

Ao longo de toda a obra, as autoras vão tecendo as noções de "identidade" e "esperança" que pulsam na construção da história de cada uma delas.

SELMA SUELI SILVA

é jornalista, radialista, youtuber, escritora e especialista em comunicação e gestão empresarial. Foi diagnosticada com TEA (transtorno do espectro do autismo) em 2016. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI. É autora de três livros.



'O que você pensa que a sociedade precisa saber sobre o autismo no feminino?'

Tudo começou com mãe e filha autistas

Mãe e filha estão à frente do site O Mundo Autista. Selma Sueli (mãe) e Sophia Mendonça (filha) são jornalistas e compartilham as suas vivências. O site, que tem uma abordagem plural, trata a inclusão de uma maneira geral e dá voz às minorias, através de trocas com pessoas com deficiência, diversidade de gênero, raça, religião e outros temas. Saber conviver pressupõe aprender a debater sobre as situações conflitantes, pois é a partir do conflito que amadurecemos, crescemos e, por fim, nos desenvolvemos.

O "Mundo Autista" é o canal de autistas mais antigo em atividade no YouTube brasileiro, com vídeos disponíveis desde 2015. Selma Sueli Silva é jornalista, radialista, youtuber, escritora, cineasta, relações públicas e pós-graduada em Comunicação e Gestão Empresarial. Foi diagnosticada com TEA (Transtorno do Espectro Autista) em 2016. É autora de três livros e diretora do documentário "AutWork – Autistas no Mercado de Trabalho".



Ilustração: Alexandre Beraldo - @xberaldo

Sophia Silva de Mendonça é jornalista, escritora, apresentadora, cineasta e mestrandia em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Foi diagnosticada autista aos 11 anos, em 2008. Mantém o site "O Mundo Autista" no Portal UAI. É autora de sete livros e diretora do documentário "AutWork – Autistas no Mercado de Trabalho". Em 2016, recebeu o Grande Colar do Mérito Legislativo de Belo Horizonte, a maior honraria do legislativo municipal, tornando-se a pessoa mais jovem a receber essa homenagem. O site "O Mundo Autista" agora é parceiro premium do UAI, o maior portal de notícias mineiro.

Lançamento

O livro deverá ser lançado durante o mês de setembro e estará disponível na Amazon (veja o link na versão online).✦



UniTEA, CONSTRUINDO O FUTURO HOJE!

Trabalhamos pela inclusão em todos os âmbitos sociais, promovendo cidadania, educação e empoderamento das pessoas com autismo e suas famílias.

JUNTE-SE A NÓS NESTA CAMINHADA!

 (54) 3538.0171

 unitea.com.br

 contato@unitea.com.br

 (54) 99269.1651

Nos acompanhe nas
redes sociais

 @institutounitea

 @institutounitea

 UniTEA -
Unidos pelo Autismo

 @unitea-autismo

 Instituto UniTEA

FERNANDO PAVONE

 Fernando Pavone Cinelli
 @pavonecinelli
 Fernando Pavone

Os pais de Fernando Pavone Cinelli desconfiaram de algo fora do padrão no desenvolvimento do garoto, com três anos e meio de idade, e o levaram a um neuropediatra. Apesar de não fechar um diagnóstico, o tratamento foi iniciado com profissionais da psicologia, fonoaudiologia e psicopedagogia. O diagnóstico fechado veio somente entre os 6 e 7 anos de idade.

Nascido em 2001, Fernando atualmente faz aulas de canto, de MPB, de sertanejo, violão, bateria e saxofone, de inglês e ginástica, além de tratamento com uma psicóloga e uma psicopedagoga.

O interesse pela música veio aos 9 anos. O pai, Edson, tocou

a música “Frevo mulher”, da Amelinha, no violão, e Fernando lhe disse: “Pai, eu sei cantar essa música”. Daí pra frente, o garoto mergulhou no mundo da música, inspirando-se no pai e no irmão, que também toca violão.

Uma cantora chamada Tânia Cruz deu o microfone para ele cantar numa churrascaria e logo isso virou um hábito. Depois a dupla Raul e Renan começou a convidá-lo para cantar em pequenos eventos, em aniversários e bares.

“Quando se apresentou pela primeira vez, ele cantou de lado, virou de costas para o público e eu quase infartando na plateia”, contou o pai, com muito bom humor, lembrando a primeira



O cantor Fernando Pavone durante uma apresentação.

apresentação do filho, então com 13 anos, no restaurante Florestal, em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo. Em 2015 ele abriu o show do cantor sertanejo Daniel, em Bertioga, litoral de SP. Em 2019, em Caieiras (SP), com a dupla Rubens e Ruan (que o inclui em vários shows), abriu o show de Gustavo Lima. A veterana dupla sertaneja Roberto e Mineirinho também inclui Pavone em inúmeras de suas apresentações.

Antes da pandemia, Pavone se apresentava em diversos eventos e agora está ansioso para voltar aos palcos. Atualmente, o cantor Vanilli Villi o tem ajudado em um projeto musical.

“A música mudou completamente minha vida”, afirma Fernando Pavone, que tem na música seu hiperfoco e fica muito feliz ao se apresentar para uma plateia “seja do tamanho que for”.

Para quem quiser conhecer o trabalho artístico de Fernando Pavone, abaixo estão as redes sociais e o canal do Youtube do cantor.

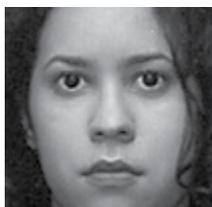
‘A música mudou completamente minha vida!’



Fotos: acervo pessoal



Liga dos Autistas



Natalia
Morais

é estudante de nutrição, nascida em Brasília (DF), tem 25 anos e recebeu o diagnóstico de autismo aos 13 anos.

 @liga.dos.autistas

Ilustração: Alexandre Beraldo -  @xberaldo



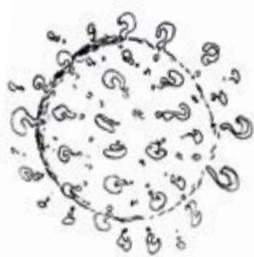
PANDEMIA E VULNERABILIDADES EXACERBADAS

Há mais de um ano estamos vivenciando uma pandemia, e o pior é que ainda não sabemos quando isso irá terminar. Durante esse período, tive de me adaptar por diversas vezes e confesso que ainda tenho receio de mudanças, mas tenho ciência de que todas elas foram necessárias.

A pandemia veio em um momento inesperado, e tive que parar tudo por causa do distanciamento social imposto. No entanto, sei que essa é uma medida de suma importância para diminuir a propagação do vírus. Diante disso, deixei de ir à faculdade, à igreja e, conseqüentemente, não via mais meus amigos. Pensei que

essas medidas durariam alguns meses, mas os meses foram se passando, e cada vez mais a pandemia foi se agravando sem a previsão de quando tudo iria terminar. Toda essa incerteza me deixava mais angustiada.

Durante a pandemia surgiram estratégias sobre o que fazer, e os coaches falavam em aproveitar o tempo, já que todos estavam em casa, indicando que seria uma época de estudar para concursos, aprender um novo idioma, conhecer novas receitas ou praticar exercícios em casa, entre outras atividades. Contudo, eu estava mais cansada do que nunca e me sentia pressionada já que todos estavam



fazendo coisas novas, e eu não conseguia fazer o básico.

Em muitas manhãs nem arrumei minha cama. Deixei matérias da faculdade acumularem-se, não tive ânimo algum para fazer coisas novas e, muitas vezes, faltou vontade de fazer até mesmo as coisas que eu gosto.

Na faculdade, tive que me adaptar ao ensino online. No começo, as aulas foram terríveis para mim, achei bem cansativo e não conseguia me concentrar. Eu me sentia incomodada sempre que minha mãe entrava no meu quarto durante a aula e me perguntava o que eu estava fazendo. Era aula de que? Eu estava entendendo?

Eu gostava da matéria? A aula já estava acabando? Parecia que minha mãe ficava sempre me observando, e que eu não tinha mais tempo só para mim.

Julgo essencial ter esse tempo para estar de bom humor. Muitas vezes quero ficar quieta no meu canto, ouvindo minha música, mexendo em meu celular, sem interagir com ninguém, e isso não significa que aconteceu alguma coisa, ou que eu esteja de mau humor, significa apenas que gosto de ter momentos só para mim.

Assim, durante a pandemia, esses momentos “só meus” diminuíram bastante, pois meus pais e meus irmãos estavam o tempo todo em casa. Eu estava a todo momento sob algum estímulo, ou sob vários, o que me deixava extremamente cansada. As discussões se tornaram mais frequentes, a TV estava sempre ligada e eu recebia, em um dia, notícias equivalentes às de um mês.

Tantas notícias ruins me deixavam ansiosa e chorei diversas vezes por medo de perder alguém que eu amo. Outras vezes chorei por me comover com a perda do outro, o que me fez perceber o quanto somos vulneráveis diante da morte. E apesar de muitos questionarem a empatia dos autistas, quando as pessoas começam a conviver conosco percebem que autistas são pessoas como as demais, que somos seres humanos com sentimentos presentes. Embora tenhamos dificuldades em retratar o que sentimos, principalmente durante esta pandemia em que, inúmeras vezes, não consegui colocar o que eu sentia em palavras.

A sua empresa usa
o potencial da

**internet
para
lucrar?**



*Nós somos especialistas
em Internet e podemos te
ajudar a tirar proveito
disso.*

Dados de Associação Brasileira de Internet estimam que, em 2016, o faturamento conjunto de todas as empresas que atuam no segmento no Brasil foi de R\$ 139,61 bilhões.

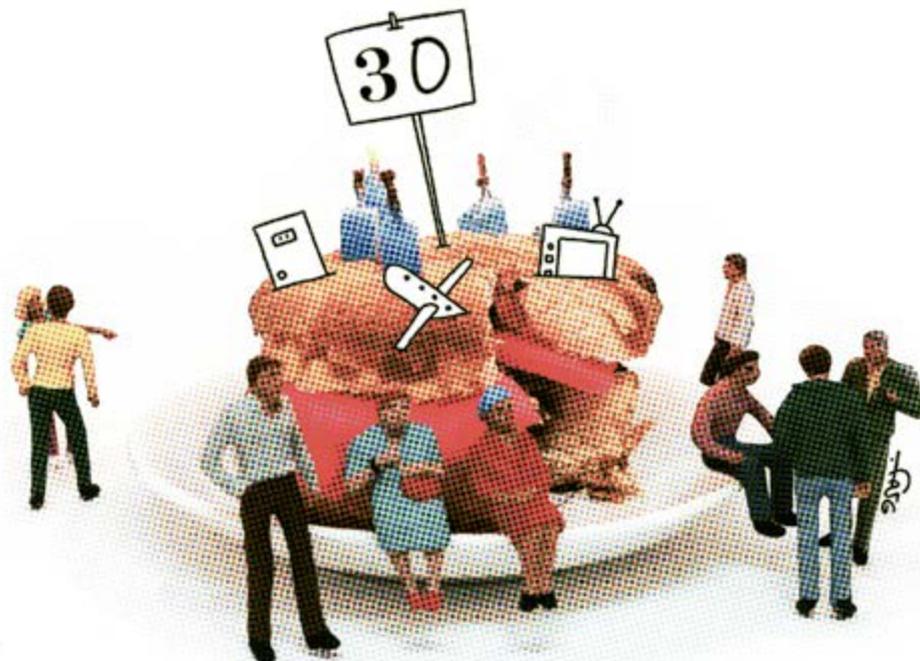
 **hostnet**

www.hostnet.com.br

#RESPECTRO

Autismo
Severo

Ilustração: tio .faso · @seeufatarnaosaideireito



TRINTOU

Meu filho completou trinta anos. Que susto! Impossível não fazer um retrospecto dessa jornada, às vezes muito difícil, às vezes plena de satisfação, mas sempre amorosa. O início desesperado, incompreensível, solitário e, ato contínuo, partir para a luta, o que quer que isso significasse. Estávamos nos anos 90, nada de internet. Quantas surpresas, quantas dificuldades. Meu filho não dormia, logo, eu também não. Lembro-me do cansaço mortal, das noites em claro. Até que, finalmente, o neurologista receitou o neuleptil gotas pediátrico. Que santo remédio eheh.

E as fases... A fase de bater portas: mas ele batia no sentido oposto ao de fechar, era um tal de porta caída das dobradiças, tínhamos que amarrear todas. A de escalar: Senhor, ele escalou a televisão (de tubo) e caiu de costas, abraçado possessivamente com a TV, ainda bem que havia uma montanha de almofadas no chão. Escalava as estantes de livros, e nós temos muitas aqui em casa. Um dia peguei o meliante no ato... tenho até uma foto! Abrir a torneira do filtro de água e sair de fininho quando eu

percebia a cozinha estava inundada e o filtro vazio!

Imagino que o fato, realmente, é que Pedro era levado demais. Uma vez ele desapareceu dentro do Carrefour, meu Deus, que desespero! Ele estava brincando, pelo que deu para entender.

Depois veio a adolescência e suas questões. Aqui em casa foi uma época tenebrosa. Deixou profundas marcas em todos nós. Até que um anjo em forma de amiga veio e me aconselhou. Aí partimos para modificar nossos comportamentos e disciplinar nossas emoções.

Não foi fácil, mas deu certo. E então começamos a aproveitar: viagens curtas, praia, montanha, andar a cavalo, tirolesa, ir ao cinema e curtir muito. Passear na casa de amigos e parentes. Ir às festas formais, casamentos e outros que tais. Ir às baladas da vida, aniversários de amigos, restaurantes com os amigos. Depois, saltos mais arrojados, viagens maiores, várias horas de avião, muitos museus e praças e trens e barcos. O melhor companheiro de viagem que já vi.

E, assim, resumidamente, vivemos trinta anos de nossas vidas. Nem sempre foi um mar de rosas, mas sobrevivemos, fortes e sempre dispostos a ousar cada vez mais, afinal o autismo não nos define.

Haydée
Freire
Jacques

é casada e mãe de dois filhos, sendo o mais moço autista severo. Formou-se em odontologia, exerceu a profissão até 2006, quando decidiu dedicar-se integralmente ao filho.

7 MOTIVOS

PRA VOCÊ FAZER UM EXAME GENÉTICO NA TISMOO AGORA!

1 O risco de autismo é majoritariamente genético e em 81% dos casos hereditário;

2 Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode viabilizar um tratamento personalizado;*

3 Existem mais de 1.000 genes diferentes associados ao autismo, sendo que 102 deles possuem maior relevância;**

4 Com o sequenciamento genético é possível identificar outras condições de saúde ou síndromes;

5 • Saber quais alterações genéticas estão envolvidas no seu caso pode ajudá-lo(a) a participar de ensaios clínicos personalizados;

6 • A Tismoo é o primeiro laboratório do mundo exclusivamente dedicado ao TEA e conta com uma plataforma de bioinformática, especialmente construída para o autismo;

7 • Além do laudo, a Tismoo faz uma reunião pós-teste com seus especialistas e explica detalhadamente os resultados para família;

* a possibilidade ou não de um tratamento personalizado está condicionada aos achados do sequenciamento.

** Pesquisa analisou sequenciamento genético de mais de 35 mil autistas e elevou para 102 o número dos principais genes ligados ao TEA.

Quer saber mais sobre os nossos exames?

tismoo.com.br

tel. +55 11 3251 1964

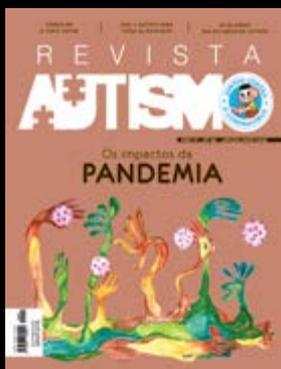
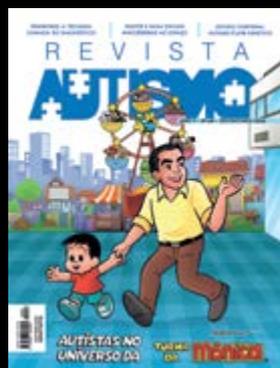
cel. +55 11 95638 4178

tismoo
THE BIOTECH COMPANY

*Vale destacar que o diagnóstico de autismo é clínico e um médico especialista deve ser consultado.

REVISTA AUTISMO

Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.



Acesse
assine.RevistaAutismo.com.br